

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
RELAÇÕES PÚBLICAS

ANTÔNIO KANAAN FASSBINDER

DESAFIOS DA PESQUISA NA FORMAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS
UMA ANÁLISE DOS TCCs NA UNIPAMPA

São Borja
2025

ANTÔNIO KANAAN FASSBINDER

DESAFIOS DA PESQUISA NA FORMAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS
UMA ANÁLISE DOS TCCs NA UNIPAMPA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para elaboração do Trabalho de Conclusão, do curso de Relações Públicas, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus São Borja

Orientador: Marcela Guimarães e Silva

São Borja
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

F249d Fassbinder, Antônio Kanaan

DESAFIOS DA PESQUISA NA FORMAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS: UMA
ANÁLISE DOS TCCs NA UNIPAMPA / Antônio Kanaan Fassbinder.
106 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, RELAÇÕES PÚBLICAS, 2025.

"Orientação: Marcela Guimarães e Silva".

1. Comunicação. 2. Relações Públicas. 3. Pesquisa
Científica. 4. Trabalho de Conclusão de Curso. 5. Unipampa. I.
Título.

ANTÔNIO KANAAN FASSBINDER

DESAFIOS DA PESQUISA NA FORMAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS
UMA ANÁLISE DOS TCCs NA UNIPAMPA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Públicas.

Trabalho defendido e aprovado em: 01 de julho de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marcela Guimarães e Silva
Orientadora
(Unipampa)

Profa. Dra. Carmen Regina Abreu Gonçalves
(Unipampa)

Prof. Dr. Fábio Frá Fernandes
(UFRGS)



Assinado eletronicamente por **MARCELA GUIMARAES E SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/07/2025, às 15:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Fabio Frá Fernandes, Usuário Externo**, em 01/07/2025, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CARMEN REGINA ABREU GONCALVES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/07/2025, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1772592** e o código CRC **FA0409A8**.

Dedico esta monografia à minha mãe, Verushka da Silva Kanaan, e também, aos meus avôs maternos Vera Lucia Luiz da Silva Kanaan e João Elias Nemer Kanaan, que sempre me apoiaram e estiveram presentes na busca pelos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Peço licença à banca examinadora e aos demais leitores, para que assim, eu possa ser um pouco mais sentimentalista nesse espaço. Vai soar engraçado isso, mas lá vai: cá estou eu novamente escrevendo os agradecimentos de uma monografia. Só uma graduação não foi suficiente, não é mesmo? (Brincadeiras à parte).

Às vésperas da formatura em Publicidade e Propaganda, me surgiu a vontade de cursar Relações Públicas, uma escolha que em alguns momentos parecia duvidosa ou incerta, por um lado, estaria vendo amigos de longa data se formando e voltando para as cidades natais, por outro, estaria adquirindo mais conhecimento e criando mais maturidade para lidar com questões pessoais da vida adulta.

Não foi um caminho fácil, eu admito, encontrei diversos obstáculos, dentre eles, um dos mais turbulentos: a enchente no estado do Rio Grande do Sul que deixou a minha família desabrigada por meses. No entanto, não quero me deter às desgraças, mas sim, a agradecer por aqueles que tornaram essa caminhada mais alegre e divertida.

Foi uma longa jornada que, somada à graduação de Publicidade e Propaganda, dá mais ou menos uns sete anos de Unipampa. Eita, como ama a universidade e São Borja, já diriam os meus amigos mais antigos e os mais recentes. Mas agora, está chegando o momento de voltar para “casa”, não é mesmo?

Nesse meio tempo, rostos antigos foram embora e novas pessoas passaram a compor o *casting* dessa jornada em Relações Públicas. De início, eu tive o receio que eu não poderia encontrar pessoas como os meus amigos da primeira graduação, de fato, não encontrei “pessoas como eles” (risos).

Mas antes de falar sobre o valor das pessoas que encontrei nesse caminho, eu preciso ressaltar e agradecer àqueles que estiveram comigo desde o meu nascimento: minha família. À eles, que sempre me apoiaram nos estudos e “puxando” a minha orelha, para ser uma pessoa mais dedicada e amorosa com os próximos.

Inicialmente, agradeço à minha avó materna Vera Lucia que sempre foi – e continua sendo – minha companheira de novelas, de fofocas e desabafos, e

também que incentivava a seguir todos os meus sonhos. Ao meu avô materno, “o Kanaan”, que sempre me apoiou, apesar de eu estar pulando de *hobby* em *hobby*, como a escolinha de futsal e o clube de voleibol. À minha mãe, que sempre “me puxou” para os estudos.

Agradeço à minha tia Elisângela, que é como uma mãe do coração para mim e esteve presente nos meus primeiros passos, a companhia perfeita para as idas à praia de Costa do Sol, que sempre soube dar um bom abraço e cantar músicas enquanto preparava a pipoca para assistir ‘Vale a Pena Ver de Novo’.

Aos meus irmãos Gabriela, Johann Werner, Andressa, Vitoria, Thiago, Alana e Emily, por compartilharem momentos inesquecíveis, desde as famosas brigas de irmãos aos momentos de brincadeiras e acolhimento. Agradeço, também, à minha saudosa bisavó Eva (*in memoriam*), que fez história, afinal, viveu 102 anos, e de maneira bastante saudável. Ela, que sempre tinha um sorriso largo, e que também, costurava meu elefante de pelúcia quando estava rasgado. Ao meu tio João Elias, pelas conversas que tivemos e pela influência no mundo dos jogos eletrônicos. Recordo aqui os familiares por parte de pai, sou muito grato por todas as nossas conversas.

À minha saudosa “doguinha” Cristal (*in memoriam*), e aos animais de estimação que habitam a minha casa em Porto Alegre: o Lorde (nosso gato de 18 anos), a Mipha e a Esperança (nossas cachorras).

Agradeço aos amigos porto-alegrenses que me acompanharam mesmo distante nessa jornada de Relações Públicas. Em especial, agradeço ao Guilherme Olejenik, meu melhor amigo do Ensino Médio, por estar comigo nos bons e maus momentos. À Ana Paula, pelo carinho, pelas fofocas e pelos jogos de vôlei que não aconteceram (risos). Agradeço também, de forma resumida, ao Doug, à Dani Iriart, à Nati Daper e à Fernanda Stringhini pelas conversas profundas. Ao Rodrigo Seivald, ao Matheus Cuti, ao Felipe Boldrini e ao Alexandre, que conheci e me aproximei durante as idas e vindas do trajeto Porto Alegre-São Borja.

Nessa nova jornada, senti saudade dos meus amigos da antiga mini-agência Jopiê, mas eles, mesmo à distância, se fizeram presentes, com fofocas no grupo do WhatsApp, ligações e jogatinas de finais de semana. Muito obrigado, Luquinhas, Peixinho e João Paulo, por essa incrível conexão que construímos, vocês são fantásticos.

Se o “novo começo” parecia incerto e trazia um frio na barriga por aqueles que foram embora, logo surgiram pessoas incríveis dos quais pude partilhar os melhores momentos desse ciclo. Muito obrigado, Kauany, Lauren Amaro, Elis Regina, Mari Erthal, Nathielly, Cassiano, Hadassa, Victor e Duda, vocês tornaram os dias mais divertidos e a jornada menos turbulenta. À Brendha Valandro, à Myrelle e ao Iago Penha por compartilharem tardes e cafés “recheados” de muitas risadas e fofocas.

Agradeço ao João Vitor Leonardi, ao Rafael Abreu, à Julia Pettinatti e ao Matheus, por tornarem os dias mais divertidos. Aqui, um “*off*”: sem vocês, os domingos tediosos de São Borja, as idas em sorveterias e as fofocas não teriam a menor graça. Foi tudo tão lindo! Obrigado por poder dividir três anos com vocês regados a cafés legais, amigos e “suco lokos”.

À minha melhor amiga, Ana Laura, agradeço por me acompanhar e conhecer pelo menos umas cinco versões minhas (risos). Obrigado por, nos dias difíceis e confusos, não soltar a minha mão. E por, nos dias fáceis, compartilhar de risadas e as mesmas fofocas de sempre. Saiba que valeu a pena partilhar tanto contigo desde 2020. À minha outra melhor amiga, a Aléxia, muito obrigado pela escuta, as caminhadas, as idas na praça, as quintas-feiras de Aloha e os milhares de momentos já vivenciados. Ao Gustavo Bragança, muito obrigado pelos momentos de humor duvidoso e os papos de Pokémon. E à Tami, uma amiga incrível que conheci em meio ao caos.

De forma mais resumida, encontrei tantas pessoas incríveis que permitiram que a caminhada fosse mais leve, agradeço aos queridos: Jessika Lima, Maurin, Guilherme Leães, Heloiza, Paloma, Malu, Camila, João Rangon, Pâmela, Pauline, Camz, Hanna, Isabelly, Edson, Ana Paiva, Mari Vianna, Alexya, Rayssa, Ana Isabel, Thati, Isabela, Babi Dutra, Ricciardi, Jazz, Breno, João, etc.

Agradeço a todos aqueles que se fizeram presentes ao longo dessa jornada de quase sete anos na Instituição, seja enquanto aluno de Publicidade e Propaganda ou Relações Públicas. Vocês tornaram tudo isso mais lindo! Aos professores, sou tão grato pelo aprendizado proporcionado e pelas trocas: Marcelo Rocha, Juliana Salbego, Denise Lima, Mérli Leal, Gabriel Sausen, Renata Coutinho, Roberta Roos, Fernando Santor, Aline Paz, Sara Feitosa, João Antonio, Magnos Cassiano, Carmen Abreu, Marcela Guimarães, Paula Pavan, Tiago Martins, Fernanda Sagrilo, Larissa Conceição, Junior Melo, Leandro Comassetto, Keli

Krause e Marco Bonito. Saibam que, se vocês estão aqui, impactaram a minha vida acadêmica de algum modo. Muito obrigado!

Por fim, mas não menos importante, tem uma pessoa em que eu devo agradecer por essa “grande viagem”: eu. Agradeço a mim, por nunca ter desistido, mesmo após a pandemia, o luto, as semanas de cansaço, os longos *meets*, as conversas com voz embargada e a vontade de trancar os cursos. Ao Toni, de 15 anos, saiba que conseguimos alcançar esse sonho, somos formados (duplamente).

Em linhas gerais, a jornada valeu muito a pena!

Com amor, Toni Kanaan.

[...] No dia que você quiser lembrar de mim, 'dá' uma olhada no retratinho que a gente tirou junto. Eu digo isso porque tenho medo que um dia você também me esqueça.

Dora (Central do Brasil - 1998)

RESUMO

O trabalho analisa como as práticas de pesquisa científica na graduação impactam o desenvolvimento dos Trabalhos de Conclusão de Curso em Relações Públicas na Unipampa. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica, análise documental dos Projetos Pedagógicos e entrevistas em profundidade com estudantes em processo de elaboração do TCC. Os resultados indicam fragilidades na formação em pesquisa, sobretudo pela oferta limitada de componentes curriculares voltados à prática científica, além de dificuldades dos alunos na definição de objetos, no domínio metodológico e na escrita acadêmica. A pesquisa evidencia a relevância dos projetos de pesquisa, da iniciação científica e do papel dos orientadores como estratégias essenciais para qualificar a formação acadêmica e profissional.

Palavras-chave: Comunicação; Relações Públicas; Pesquisa Científica; Trabalho de Conclusão de Curso; Unipampa.

ABSTRACT

The study analyzes how scientific research practices at the undergraduate level impact the development of Final Graduation Projects (TCCs) in the Public Relations program at the Unipampa. The research adopts a qualitative approach, including a literature review, document analysis of Pedagogical Projects, and in-depth interviews with students in the process of developing their TCCs. The results indicate weaknesses in research training, particularly due to the limited availability of curricular components focused on scientific practice, as well as students' difficulties in defining research topics, mastering methodology, and academic writing. The study highlights the importance of research projects, scientific initiation programs, and the role of academic advisors as essential strategies for improving academic and professional training.

Keywords: Communication; Public Relations; Scientific Research; Final Graduation Project; Unipampa.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Logotipo do Curso de Relações Públicas da Unipampa..... | 23 |
| Figura 2 – Características norteadoras do Curso de Relações Públicas (2019)..... | 24 |
| Figura 3 – Características norteadoras do Curso de Relações Públicas (2023)..... | 24 |
| Figura 4 – Repositórios de busca dos materiais bibliográficos..... | 28 |
| Figura 5 – Coleta dos conceitos-chave..... | 29 |
| Figura 6 – Categorias para a análise das entrevistas..... | 35 |
| Figura 7 – Componentes Curriculares voltados para a Academia/Pesquisa..... | 46 |
| Figura 8 – Componentes Curriculares com discussões teóricas-metodológicas..... | 47 |
| Figura 9 – Componentes Curriculares da Graduação de Relações Públicas voltadas ao âmbito da Pesquisa..... | 49 |
| Figura 10 – Componentes Curriculares com discussões teóricas-metodológicas.... | 49 |
| Figura 11 – Mapeamento de Projetos de Pesquisa..... | 51 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRP – Associação Brasileira de Relações Públicas
ACGs – Atividades Complementares de Graduação
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CCCG – Componentes Curriculares Complementares de Graduação
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DT – Divisão Temática
GP – Grupo de Pesquisa
GT – Grupo de Trabalho
GURI – Gestão Unificada de Recursos Institucionais
IC – Iniciação Científica
IES – Instituição de Ensino Superior
INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação
NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
NInA - Núcleo de Inclusão e Acessibilidade
PP – Publicidade e Propaganda
PPC – Projeto Pedagógico Curricular
PPG – Programa de Pós-Graduação
RIU – Repositórios Institucionais da Unipampa
RP – Relações Públicas
SAP – Projetos Acadêmicos
SIEPE – Salão de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 OS PRIMEIROS PASSOS: noções introdutórias | 16 |
| 2 O CAMINHAR INVESTIGATIVO: o percurso teórico-metodológico do estudo | 23 |
| 2.1 Contextualização sobre o objeto de pesquisa | 23 |
| 2.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa | 27 |
| 2.2.1 Pesquisa Bibliográfica | 27 |
| 2.2.2 Análise Documental | 31 |
| 2.2.3 Entrevista em Profundidade | 32 |
| 2.2.3.1 Categorização das análises | 34 |
| 3 POSSIBILIDADES DE CAMINHOS: as práticas de Pesquisa em Comunicação | 36 |
| 3.1 O cenário da Pesquisa Científica: definições e características | 36 |
| 3.1.1 Iniciação Científica | 40 |
| 3.2 A Pesquisa em Comunicação: contexto histórico e definições | 41 |
| 3.3 As experiências curriculares e extracurriculares | 45 |
| 3.3.1 Projeto Pedagógico do Curso de Relações Públicas | 45 |
| 3.3.1.1 PPC 2019: Relações Públicas com ênfase em Produção Cultural | 45 |
| 3.3.1.2 PPC 2023: Relações Públicas | 48 |
| 3.3.2 Projetos de Pesquisa em Relações Públicas da UNIPAMPA | 51 |
| 4 O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO | 54 |
| 4.1 Trabalho de Conclusão de Curso: a diversidade de formatos | 54 |
| 4.1.1 O Papel do Orientador no TCC | 57 |
| 4.1.2 A Escolha do Tema no TCC | 58 |
| 5 PEGADAS ENCONTRADAS: os resultados das análises | 60 |
| 5.1 Histórico e Experiência com a Pesquisa | 60 |
| 5.2 Escolha do Formato e Tema do TCC | 72 |
| 5.3 Dificuldades no Desenvolvimento do TCC | 77 |
| 5.4 Orientação | 82 |
| 5.5 Influência de Grupos de Pesquisa | 86 |
| 5.6 Apanhado das Análises | 87 |
| 6 PONTO DE CHEGADA: considerações finais | 91 |
| REFERÊNCIAS | 97 |
| APÊNDICE A – Questões das entrevistas | 101 |
| APÊNDICE B – Seções das entrevistas e objetivos | 103 |

1 OS PRIMEIROS PASSOS: noções introdutórias

A Pesquisa Científica ocupa um lugar importante na formação acadêmica, especialmente nos cursos de graduação em Comunicação, onde o desenvolvimento de habilidades investigativas é fundamental para a compreensão crítica dos fenômenos comunicacionais. Nesse contexto, a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) representa não apenas uma exigência curricular, mas também uma oportunidade de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória universitária.

Entretanto, observa-se que, muitas vezes, os processos de ensino e aprendizagem da Pesquisa Científica na graduação enfrentam diversos desafios, que vão desde a falta de familiaridade dos discentes com os métodos e técnicas de investigação, até as dificuldades relacionadas à delimitação de temas, estruturação de projetos e elaboração de textos científicos. Essas questões tornam-se ainda mais relevantes quando se considera o campo específico das Relações Públicas, cuja prática profissional exige, de modo mais frequente, competências relacionadas à análise, interpretação e produção de conhecimento sobre os processos comunicacionais.

Na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), o curso de Relações Públicas busca proporcionar aos estudantes subsídios teóricos e metodológicos para a realização de pesquisas científicas desde os primeiros semestres, culminando na elaboração do TCC. No entanto, é necessário compreender de que modo as práticas de Pesquisa Científica ofertadas ao longo da graduação, por meio de disciplinas e atividades acadêmicas, efetivamente contribuem para o desenvolvimento deste trabalho final.

Para este trabalho, volta-se os olhares para as discussões relacionadas aos **Desafios da elaboração de Pesquisa Científica em Comunicação na graduação**.

Diante desse cenário, este estudo propõe-se a investigar: **de que modo as práticas de Pesquisa Científica em Comunicação ofertadas durante a graduação contribuem no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA?**

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender de que modo as práticas de Pesquisa Científica em Comunicação ofertadas durante a graduação

impactam no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA. A partir disso, divide-se em objetivos específicos: (1) Apresentar um panorama sobre a Iniciação e a Pesquisa Científica na graduação como elementos fundamentais para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso; (2) Mapear quais iniciativas, projetos e componentes curriculares vinculados à Pesquisa em Comunicação são ofertados no Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA; e (3) Investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do Trabalho de Conclusão de Curso através de entrevistas em profundidade.

No que diz respeito à **pertinência desta pesquisa**, entende que esta pode ser refletida sob quatro aspectos. O primeiro refere-se à **Justificativa Científica-Teórica** (Santaella, 2001). Neste aspecto, nota-se a ausência de trabalhos de conclusão de curso e/ou projetos experimentais que discutam sobre os desafios de construção ou reflexão metodológica da Pesquisa de Comunicação ou Pesquisa Científica. Entretanto, a pesquisa não pretende trazer problematizações ou criticidades acerca da falta de produções neste sentido, mas visualizar um terreno inédito para ser “desbravado”.

Diante da ausência de trabalhos de conclusão de curso nessa perspectiva, principalmente entre os três cursos de graduação em Comunicação (Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Jornalismo) da UNIPAMPA, pretende-se percorrer um caminho inédito no contexto local. Assim, a pesquisa traz contribuições para a abertura de espaços de discussão sobre a necessidade de uma boa reflexão metodológica em produção de pesquisa em Comunicação, Epistemologia e diálogos teóricos sobre o campo, preparando os alunos de maneira mais completa e objetiva para o momento da realização de seus TCCs. Também, a pesquisa permite refletir sobre as práticas de iniciação e pesquisa científica ofertadas e as dificuldades enfrentadas por estes discentes no momento do desenvolvimento de trabalhos finais de rigor científico.

Em síntese, não há estudos na graduação em questão que discutam sobre as práticas de Pesquisa Científica e as dificuldades encontradas pelos alunos durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Na busca, a partir de repositórios abertos, como a Compós, Intercom, Portal da CAPES e Google Scholar, nota-se uma dificuldade no encontro de trabalhos que discorrem sobre os desafios dos discentes no desenvolvimento de trabalhos científicos (resumos,

artigos e monografias) na graduação, principalmente, ao fazer direcionamento para a área da Comunicação.

O segundo aspecto diz respeito à **Justificativa Científica-Prática**, isto é, este trabalho contribui ao refletir sobre as práticas de Pesquisa e Iniciação Científica existentes no Curso de Relações Públicas da Unipampa. Além disso, coloca em debate a percepção dos estudantes da graduação que estão em período de desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso, pretendendo trazer informações que possam ser úteis futuramente para o currículo de prática científica da Instituição.

Dada a noção de que os estudantes de graduação chegam ao momento do trabalho de conclusão de curso com diversas dúvidas quanto ao processo e os passos da pesquisa científica, esta monografia possibilita a partir dos resultados encontrados que os professores repensem sobre os componentes curriculares ofertados com ênfase na área Academia/Pesquisa, assim como, os projetos voltados para as teorias e práticas de investigação (projetos, grupos e redes de pesquisas). A partir da observação das práticas curriculares, extracurriculares e a percepção dos estudantes de graduação pretende-se dar retornos que tragam melhorias para a prática científica no curso e na Instituição.

O terceiro aspecto diz respeito à **Justificativa Social** (Santaella, 2001), assim, por se tratar de uma pesquisa voltada, principalmente ao público acadêmico, no caso, os estudantes de graduação em período de desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso, entende-se que a pertinência dessa pesquisa se faz presente no sentimento de identificação dos discentes com as dificuldades na produção de investigações científicas. Em outras palavras, o estudo pode mostrar aos formandos que eles “não estão sozinhos” e que as dúvidas encontradas no processo de desenvolvimento não são únicas.

A pesquisa ainda serve como material de discussão sobre inseguranças no processo do desenvolvimento e submissão de pesquisas em diferentes formatos. Por vezes, os discentes sentem-se distantes da Instituição por criarem a impressão de que o espaço é destinado apenas aos pesquisadores, ou então, não recebem orientações que os deixem confortáveis para tirar dúvidas ou aprender os processos científicos.

Deste modo, a pesquisa contribui para a abertura de futuras discussões em torno da realidade social existente no universo acadêmico, principalmente

decorrente da barreira presente entre discentes-docentes, ou então, da criação de percepções precipitadas de que a pesquisa científica não é importante para futuros profissionais do mercado de trabalho.

Por fim, o último aspecto é a **Justificativa Pessoal** (Bonin, 2011), deste modo, entende-se que o desenvolvimento do trabalho sob o contexto dos **desafios dos discentes de graduação no desenvolvimento de trabalhos de conclusão de curso** tem envolvimento pessoal com o autor deste trabalho. Desde os primeiros semestres, ao participar de componentes curriculares voltados ao âmbito Academia/Pesquisa, como Introdução à Pesquisa em Comunicação (1º Semestre) e Metodologias da Pesquisa em Comunicação (3º Semestre), foram despertadas as curiosidades iniciais e questionamento sobre as práticas investigativas no campo da Comunicação. Dentre as reflexões que se originaram das disciplinas, estavam: “Como escrever o primeiro artigo científico?”, “Como saber se estou desenvolvendo um texto relevante para a sociedade e a ciência?”, “Como saber se estou escrevendo na linguagem e estrutura certa?”.

Ao desenvolver o primeiro artigo científico, no componente de Introdução à Pesquisa em Comunicação, houve a frustração, pois de fato, ainda não era uma pesquisa que seguia o rigor científico. Diante dessa “falha primeira tentativa”, buscou-se por novas experiências que pudessem fortalecer o conhecimento, deste modo, o envolvimento com projetos, eventos e atividades extracurriculares.

Ao participar do grupo Telas Pesquisa Colaborativa¹, foi possível exercitar as práticas de rigor científico, por meio do intercâmbio com pesquisadores experientes e reuniões semanais que promoviam discussões de textos sobre a Diversidade na Comunicação Organizacional. Além das discussões, o grupo estimulava a participação em eventos científicos e a produção de resumos e artigos para publicação. Diante dessa experiência, a escrita científica e as noções sobre a estrutura de pesquisa foram se incrementando.

O envolvimento com a prática também se manifestou em convites para ministrar Oficina de Currículo Lattes, promovida por docentes ou entidades institucionais, como o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) - São Borja. Além disso, a submissão de trabalhos para eventos como o Salão

¹ TELAS Pesquisa Colaborativa. **Instagram**. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/telas.colab/>. Acesso em: 23 setembro. 2024.

Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE), INTERCOM e SET da PUCRS, permitiram maiores integrações com o âmbito da Academia.

Ao decorrer da trajetória, foram-se adquirindo os conhecimentos necessários para o desenvolvimento de pesquisas científicas e participação em eventos acadêmicos. No entanto, ainda havia a preocupação com o coletivo de estudantes, visto que nem todos os discentes tiveram envolvimento com práticas extracurriculares voltadas à pesquisa científica, assim, poderiam existir desafios e/ou dificuldades no desenvolvimento de trabalhos mais densos e com rigor científico, como artigos e TCCs.

Para além dos aspectos relacionados às experiências deste autor na pesquisa, entende-se que o trabalho representa um dos primeiros passos para uma meta pessoal desde a adolescência: adentrar a carreira da Pesquisa e da Docência no Ensino Superior. Assim, como futuro docente, reflete-se sobre a preocupação com a forma com que os discentes estão aprendendo e sendo preparados para a pesquisa científica, o mercado de trabalho e vice-versa.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos, sendo eles: (1) Noções introdutórias; (2) O Caminhar Investigativo: Procedimentos Teórico-Metodológicos; (3) Possibilidades de Caminhos: as práticas de Pesquisa em Comunicação; (4) O desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso; (5) Pegadas encontradas: os resultados da análise; (6) Ponto de Chegada: Considerações Finais.

Neste primeiro capítulo, fez-se um apanhado do que foi tratado ao decorrer de toda a pesquisa, contextualizando a temática, problemática, objetivos e justificativas do estudo. Em seguida, no capítulo 2, apresenta-se o objeto de estudo e os procedimentos metodológicos da pesquisa, que neste caso, consistem em três: a **Pesquisa Bibliográfica**, embasada teoricamente no texto de Stumpf (2005); a **Análise Documental** (Moreira, 2005), que observou materiais como os Projetos Pedagógicos do Curso de Relações Públicas dos anos de 2019 e 2023, e também, o Portal da Gestão Unificada de Recursos Institucionais (GURI), no Sistema de Projetos Acadêmicos (SAP); e por fim, a **Entrevista em Profundidade** (Duarte, 2005), este procedimento foi realizado com dez egressos do Curso de Relações Públicas da Unipampa, que estavam em processo de desenvolvimento do TCC no semestre de 2024/2.

Os entrevistados do percurso metodológico responderam ao total de 21 perguntas com a intenção de investigar as principais dificuldades enfrentadas por

eles durante o desenvolvimento da produção final. Para mensurar as respostas, as informações foram agrupadas em cinco categorias de análise: (1) Histórico e Experiência com a Pesquisa; (2) Escolha do Formato e do Tema; (3) Dificuldades no desenvolvimento do TCC; (4) Orientação; (5) Influências de Grupos de Pesquisa. Esta divisão categórica contribui para perceber aspectos limitadores e facilitadores para os estudantes durante a escrita, que podem ser reflexos das experiências anteriores e durante o processo do TCC.

O terceiro capítulo é dividido em dois movimentos metodológicos, isto é, nos itens 3.1 e 3.2, trata-se das revisões teóricas acerca do conceito de Pesquisa Científica, diferenciando-a, inicialmente, de outros tipos de pesquisa. No espaço seguinte, faz-se a revisão sobre a Pesquisa em Comunicação, com um resgate histórico e etimológico deste campo acadêmico-científico no Brasil. Por fim, no item 3.3, apresenta-se os dados encontrados por meio da Análise Documental, destacando assim, as iniciativas (curriculares e extracurriculares) e lacunas na formação acadêmica que impactam o desenvolvimento de pesquisas científicas em Relações Públicas.

O quarto capítulo, a partir da Pesquisa Bibliográfica, faz revisões teóricas sobre a definição do Trabalho de Conclusão de Curso, assim como, contextualiza a possibilidade de formatos existentes. Em síntese, no caso de Relações Públicas na Unipampa, os discentes em estágio final da graduação podem desenvolver TCCs no formato de monografia e projeto experimental. Além disso, ao decorrer do espaço capitular, traz-se as especificidades das estruturas dos diferentes formatos do TCC de RP, com base nas informações disponíveis nos Projetos Pedagógicos de 2019 e 2023.

No quinto capítulo desta monografia, é o momento de observar as pegadas encontradas nas Entrevistas em Profundidade. Portanto, faz-se o cruzamento dos dados obtidos com os entrevistados e as revisões bibliográficas dos capítulos anteriores, para assim, fazer impressões.

Ao decorrer do sexto capítulo, o ponto de chegada é o espaço em que explica-se os resultados encontrados na pesquisa como um todo, apresentando que os objetivos propostos foram atingidos, assim como, a pergunta problema foi respondida.

Em linhas gerais, a pesquisa evidenciou, por meio dos diálogos com os estudantes de Relações Públicas, que as práticas de Pesquisa Científica em

Comunicação ofertadas de modo curricular e extracurricular, trazem contribuições para o desenvolvimento dos TCCs, isto é, dando conhecimento teórico e prático sobre as estruturas das investigações, assim como, aproximando os acadêmicos de temáticas, linhas e metodologias de interesses.

As investigações realizadas realçam a importância do professor no percurso acadêmico dos estudantes de graduação, seja na divulgação dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, no estímulo de participação de atividades extracurriculares, no ensino da Pesquisa Científica em sala de aula e na condução da orientação do Trabalho de Conclusão de Curso.

Por meio das entrevistas, e também embasado nas Análises Documentais, percebe-se uma certa carência de componentes curriculares que estimulam o contato com a Pesquisa. No caso do PPC 2019, há apenas um componente curricular diretamente ligado à prática da Pesquisa Científica em momento anterior ao TCC: Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica em Comunicação (2º semestre). Ofertado deste modo, torna-se insuficiente para que os estudantes desenvolvam noções teóricas e práticas sobre o formato científico. Com relação às práticas externas, foram mapeados seis projetos de pesquisa com diferentes temáticas, neste caso, o estudo não contemplou o juízo de valor, se, de fato, estas iniciativas são suficientes para os discentes.

Por fim, a monografia serve de respaldo para pensar a construção das práticas de Pesquisa Científica no Curso de Relações Públicas, trazendo possíveis *insights* para a Coordenação com relação às futuras atividades de pesquisa e a composição de PPCs novos.

2 O CAMINHAR INVESTIGATIVO: o percurso teórico-metodológico do estudo

2.1 Contextualização sobre o objeto de pesquisa

Neste subcapítulo, concentra-se os esforços para trazer contextualizações históricas, sociais e estruturais sobre o Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa que é o foco desta pesquisa. Mais precisamente, o objeto de pesquisa refere-se às práticas de Pesquisa Científica ofertadas na graduação e o impacto no desenvolvimento do TCC dos estudantes de graduação.

Figura 1 – Logotipo do Curso de Relações Públicas da Unipampa



Fonte: Universidade Federal do Pampa (2020).²

O Curso de Relações Públicas da Unipampa foi inaugurado no dia 22 de março de 2010, com o propósito de reforçar a área de Comunicação Social do campus São Borja, assim como, atender às questões sociais e culturais da região (Universidade Federal do Pampa, 2019). A criação do curso foi sugerida no dia 03 de novembro de 2008 na reunião do Conselho de Campus. A ata de homologação da comissão para criação do PPC ocorreu em 16 de setembro de 2009.

Conforme o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Relações Públicas de 2019:

“o curso propicia ao egresso o conhecimento teórico e metodológico a partir de especificidades e práticas das Relações Públicas [...] Em linhas gerais, este profissional, a partir do desenvolvimento de habilidades e competências

² Disponível em:

<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/relacoespublicas/category/sem-categoria/page/7/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

e de uma capacitação crítica, atuará na gestão da comunicação e do relacionamento entre as organizações e seus diversos públicos de interesse” (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 20, supressão nossa)

Para dar melhor exposição das características norteadoras do curso de Relações Públicas, opta-se pela criação de dois quadros (1 e 2), que correspondem aos PPCs 2019 e 2023³.

Figura 2 – Características norteadoras do curso de Relações Públicas (2019)

| Relações Públicas - Universidade Federal do Pampa (2019) | |
|---|--|
| Nome do curso | Bacharelado em Relações Públicas - ênfase em Produção Cultural |
| Período de vigência do PPC | 2019–2022 |
| Turno | Noturno |
| Carga horária total do curso | 3.245 horas |
| Mínimo e máximo para integralização do curso | 8 semestres (mínimo) 16 semestres (máximo) |
| Modalidade de ensino | Presencial |

Fonte: adaptado do PPC 2019 (Universidade Federal do Pampa, 2019).

Entre os anos de 2019 e 2023, a mudança nas características principais do curso dizem respeito, principalmente, ao título da graduação, isto é, perdendo a “ênfase em Produção Cultural”. Além disso, com a reestruturação do curso, há a exclusão de algumas disciplinas de foco cultural e o acréscimo de novos componentes, aumentando a carga horária de 3.245 para 3.275 horas.

Figura 3 – Características norteadoras do Curso de Relações Públicas (2023)

| Relações Públicas - Universidade Federal do Pampa (2023) | |
|---|----------------------------------|
| Nome do curso | Bacharelado em Relações Públicas |
| Período de vigência do PPC | 2023-atual |
| Turno | Noturno |
| Carga horária total do curso | 3.275 horas |

³ A escolha da exposição dos PPCs 2019 e 2023 se deve, principalmente, pelo fato de que ambos estão em atividade atualmente, impactando no enfoque do TCC, por exemplo.

| | |
|---|---|
| Mínimo e máximo para integralização do curso | 8 semestres (mínimo) 16 semestres (máximo) |
| Modalidade de ensino | Presencial |

Fonte: adaptado do PPC 2019 (Universidade Federal do Pampa, 2019).

Neste momento, a intenção não é fazer um comparativo entre os dois projetos político-pedagógicos, mas sim, de nortear os leitores acerca das principais características do curso na Instituição. Portanto, por se tratar de uma mudança mais brusca como a queda da ênfase em Produção Cultural, consideramos a necessidade de apresentar o curso em dois diferentes quadros (1 e 2).

Com relação aos objetivos, de forma geral, verificamos que o curso intenciona “proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades próprias das Relações Públicas, no que diz respeito às relações estabelecidas entre as organizações e seus públicos” (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 56). De maneira específica:

- (1) Capacitar discentes para realizar atividades de pesquisa, planejamento, assessoramento e a execução de atividades de Relações públicas, com o fim de gerenciar e facilitar o processo de relacionamento e de comunicação organizacional;
 - (2) Compreender a natureza das linguagens e dos fenômenos culturais envolvidos nos sistemas contemporâneos de comunicação e, em particular, no processo de comunicação das organizações com seus públicos;
 - (3) Entender o papel dos sistemas e processos de comunicação na contemporaneidade, bem como da evolução histórica destes e suas relações com a cultura, a política e a economia;
 - (4) Capacitar para a análise, planejamento, implementação e controle de estratégias para a produção e gestão de ações e produtos comunicacionais.
 - (5) Proporcionar iniciação à pesquisa científica, contribuindo para a formação de profissionais críticos e atualizados sobre suas práticas;
 - (6) Estimular o contato com a realidade social e profissional local e regional, com vistas a formar profissionais adequados às necessidades do mundo do trabalho no qual serão inseridos;
 - (7) Desenvolver novas práticas de empreendedorismo e inovação, que capacitem os/as acadêmicos(as) para enfrentar os desafios profissionais;
 - (8) Produzir relacionamentos e comunicações que valorizem a diversidade sociocultural.
- (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 56-57, supressão nossa)

Percebe-se, neste percurso, a dificuldade dos estudantes de graduação de Relações Públicas em relacionar a pesquisa como uma prática voltada à profissão⁴,

⁴ Tal sentença é identificada a partir das Entrevistas em Profundidade com os egressos que desenvolveram os trabalhos de conclusão de curso de Relações Públicas (conferir o passo metodológico no capítulo 5 - Pegadas Encontradas).

isto é, como um caminho possível para atuação no mercado de trabalho. Deste modo, para melhor visualizar a profissão, explora-se os principais teóricos das Relações Públicas e o PPC do curso⁵ para verificar quais são os campos de atuação profissional.

Há diferentes apropriações para o conceito de Relações Públicas, no entanto, detém-se nos mais rotineiros. Neste sentido, Andrade (1993) entende que as Relações Públicas são:

[...] o conjunto de técnicas utilizadas dinamicamente por uma empresa ou entidade através de pesquisa, informação e divulgação, visando a criar ou manter, interna ou externamente, um estado de espírito funcional de boa vontade e compreensão, capaz de influenciar favoravelmente o desenvolvimento do seu plano de atividades.
(ANDRADE, 1993, p. 39).

França (2008) entende que o profissional de Relações Públicas deve propor políticas e estratégias que atendam as necessidades de relacionamento entre as organizações e os seus públicos (interno, institucional e mercadológico). Em sentido semelhante, a Associação Brasileira de Relações Públicas (ABRP) conceitua como a atividade e o esforço deliberado, planejado e contínuo para manter a compreensão mútua em um sistema binômico (Simões, 1995).

Conforme o PPC (Universidade Federal do Pampa, 2019), o profissional de Relações Públicas, formado na Unipampa, está preparado para atuar em um campo bastante diverso e fica responsável pelo planejamento da comunicação, pela gestão dos relacionamentos com os públicos, além de fortalecer a imagem e a reputação das organizações. Este, assim que graduado, intitula-se competente para orientar instituições de esfera pública, privada e do terceiro setor.

Também pode trabalhar com o desenvolvimento de atividades específicas da área, tais como: assessoria de imprensa, organização de eventos, cerimonial e protocolo, ouvidoria, comunicação interna, pesquisa de opinião pública e de mercado, gestão de redes sociais digitais, produção gráfica e audiovisual.

Compete ainda ao profissional de Relações Públicas: desenvolver pesquisas, estratégias e políticas que favoreçam a interpretação qualificada da conjuntura sociocultural local e regional (Universidade Federal do Pampa, 2019). Ademais, e

⁵ Disponível em:
<https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/136/8/PPC%20Relações%20Publicas.pdf>. Acesso em: 25 maio. 2025.

não mencionado no PPC, o Relações-Públicas, assim que recebe o título de graduado, também pode optar por seguir no campo acadêmico, através de um mestrado e doutorado.

Diante do levantamento realizado, é possível, sim, compreender a prática da pesquisa como um elemento constituinte da profissão, assim como parte da trajetória acadêmica na formação, seja em atividades curriculares e extracurriculares. Em outras palavras, as investigações – de modo científico ou não –, integram-se às práticas de sala de aula a partir de diversos momentos, como: buscas na internet, análises de ambiente de marketing e concorrentes, matriz SWOT, *briefings*, *brainstormings*, leituras obrigatórias, mapeamentos visuais, etc. Em alguns casos, os procedimentos de pesquisa não possuem um caráter e rigor científico.

Para tornar essa última sentença mais compreensível, no item 3.1, pretende-se dar noções que apresentam a diferença entre as pesquisas realizadas de modo cotidiano, mercadológico e científico, com mais ênfase no último modelo.

2.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Neste subcapítulo e nas respectivas divisões, expõe-se os caminhos metodológicos utilizados para refletir sobre as inquietações relacionadas à pesquisa científica e o trabalho de conclusão de curso. Portanto, percorreu-se: (1) Pesquisa Bibliográfica, com base na Stumpf (2005); (2) Análise Documental, a partir de de Moreira (2005); e (3) Entrevista em Profundidade, sob os olhares de Duarte (2005).

Nos seguintes subcapítulos (2.2.1; 2.2.2; e 2.2.3), nos ocupamos de trazer maiores contextualizações do modo em que as metodologias foram aplicadas, coletadas e analisadas.

2.2.1 Pesquisa Bibliográfica

Como primeira etapa da construção metodológica deste trabalho, utilizou-se a Pesquisa Bibliográfica que, conforme Stumpf (2005), se refere ao planejamento inicial de qualquer trabalho ou projeto de pesquisa que engloba as etapas de identificação, localização e obtenção de conteúdos bibliográficos sobre os assuntos.

Essa etapa metodológica, além de revisar as produções existentes sobre o tema de estudo, dá embasamento teórico para as discussões.

Para fazer a revisão dos conteúdos existentes sobre o tema, define-se alguns conceitos-chave: Pesquisa Científica; Iniciação Científica; Pesquisa em Comunicação; Trabalho de Conclusão de Curso. Dados os termos principais deste estudo, o estado da arte foi realizado a partir dos seguintes espaços:

Figura 4 – Repositórios de busca dos materiais bibliográficos

| Repositórios e/ou anais | Metas |
|---|--|
| Repositórios Institucionais do Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA | Verificar a existência de monografias e/ou projetos experimentais com temáticas semelhantes a desta pesquisa |
| Compós (2019-2024) | Mapear artigos científicos que possuam aproximações com a temática desta pesquisa |
| Grupos de Trabalho do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (2019-2024) | Mapear artigos científicos que possuam aproximações com a temática desta pesquisa |
| Portal de Periódico da CAPES | Mapear artigos científicos que possuem aproximações com a temática desta pesquisa |
| Google Scholar | Mapear resumos, artigos, monografias e dissertações que possuam aproximações com a temática dessa pesquisa |

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Para uma melhor visualização do processo de coleta de dados para o estado da arte, optamos pela elaboração do quadro acima. Assim, expomos na coluna à direita a meta proposta em cada repositório. Dentre os caminhos optados na revisão, incluímos o espaço de publicação das monografias e projetos experimentais dos discentes do curso de Relações Públicas da Unipampa⁶, população-alvo desta pesquisa. A busca é realizada com a ideia de verificar se existiu alguma outra pesquisa na Instituição voltada à Iniciação Científica ou Pesquisa Científica.

⁶ Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/413>. Acesso em: 07 jan. 2025.

Figura 5 – Coleta dos conceitos-chave

| Palavras-chave | Repositórios Bibliográficos | | | | |
|---|-----------------------------|----------------------|----------------------|-----------------|------------------|
| | RI da Unipampa | Compós (2019 - 2024) | Intercom (2019-2024) | Portal da CAPES | Google Scholar |
| Pesquisa em Comunicação / Pesquisa de Comunicação | x | 12 ⁷ | 12* | 632 | aprox. 3.230.000 |
| Pesquisa Científica | x | | | 1190 | aprox. 2.630.000 |
| Iniciação Científica | x | | | 58 | aprox. 41.500 |
| Trabalhos de Conclusão de Curso em Relações Públicas | x | x | x | 15 | aprox. 662.000 |

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Neste levantamento, foram verificados os repositórios bibliográficos: (I) Repositórios Institucionais dos TCCs dos cursos de Comunicação da UNIPAMPA; (II) Compós; (III) Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; (IV) Portal de Periódico da CAPES; (V) Google Scholar.

Numericamente falando, nota-se a fartura de estudos que discutem sobre a **Pesquisa ou Iniciação Científica**. No entanto, ao fazer um olhar atento ao recorte das investigações, poucas exploram o desafio enfrentado pelos estudantes para o desenvolvimento de um TCC ou monografia. Ao aplicar mais um recorte interpretativo, direcionando as buscas ao contexto da Comunicação ou Relações Públicas, um dos textos encontrados é o de Del Carratore (2009), que traz o debate sobre as dificuldades encontradas pelos discentes de Comunicação Social em desenvolver um trabalho de natureza científica. Entretanto, nota-se a ausência de um trabalho desta natureza voltado aos formandos de Relações Públicas.

Dentre os resultados encontrados e, inclusive, um destaque inquietante para esta pesquisa, é que as discussões sobre IC, se direcionadas para a Comunicação Social, envolviam os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, desde as

⁷ O agrupamento dos itens Pesquisa Científica e Pesquisa em Comunicação no quadro deve-se ao fato de que as pesquisas, mapeadas de forma manual, trazem ao decorrer da revisão bibliográfica, discussões acerca de ambos os tópicos.

dificuldades no desenvolvimento de pesquisas à diversidade de produções realizadas por discentes destas graduações.

Ao observar as produções acadêmicas em artigos e/ou capítulos de livro que tratam do cenário e/ou de dificuldades da Pesquisa e Iniciação Científica, foram poucos os retornos positivos, dentre eles, os textos de Silva e Paiva (2022)⁸; Neto (2019)⁹; e Durante, Ribeiro e Rocha (2019)¹⁰, que fornecem discussões teóricas que podem contribuir para o mote desta investigação. Na última bibliografia, percebe-se uma coincidência com este trabalho, pois os autores ressaltam que no curso, que é objeto de análise, não há a obrigatoriedade do desenvolvimento de uma monografia, tal qual no curso de Relações Públicas, que é foco deste estudo. Outro ponto coincidente: é destacada a inexistência de pesquisas que tratem sobre o tema sob o viés dos estudantes e/ou da análise do currículo.

Na sequência, fez-se o mapeamento bibliográfico de textos que discorrem sobre a Comunicação como objeto de estudo ou a Pesquisa em Comunicação, com um resultado expressivo de artigos, capítulos de livros, monografias e dissertações.

No mapeamento bibliográfico sobre a Comunicação como objeto de estudo ou a Pesquisa em Comunicação, encontra-se uma quantidade expressiva de artigos, capítulos de livros, monografias e dissertações, no entanto, grande parte dos materiais estão voltados para as discussões metodológicas. Nesta investigação, quatro literaturas principais chamam a atenção para o espaço de fundamentação teórica: Santos (2013)¹¹, Martino (2014), Lopes (2003)¹² e Kunsch e Gobbi (2016)¹³. Os textos apresentados fornecem informações necessárias para trazer definições da temática, assim como, compreendê-la.

⁸ Disponível em:

<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=&id=W4290742326>. Acesso em: 05 jan. 2025.

⁹ Disponível em:

<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=&id=W2971206999>. Acesso em: 05 jan. 2025.

¹⁰ Disponível em:

<https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=&id=W2943350579>. Acesso em 05 jan. 2025.

¹¹ Disponível em:

https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202318223564dd3e1b0d277.pdf.

Acesso em: 30 set. 2024.

¹² Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5944239/mod_resource/content/1/Pesquisa%20em%20Comunicacao%20by%20Maria%20Immacolata%20Vassallo%20de%20Lopes%20%28z-lib.org%29.pdf.

Acesso em: 30 set. 2024.

¹³ Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5115/511552709005/html/>. Acesso em: 30 set. 2024.

Para o caso deste estudo, um elemento desafiador foi o desenvolvimento de discussões teóricas diante da escassez de materiais voltados para as práticas de Pesquisa Científica em Comunicação ofertada no Curso de Relações Públicas.

2.2.2 Análise Documental

Neste subcapítulo, ocupa-se de empreender contextualizações acerca do segundo passo metodológico desta pesquisa: a Análise Documental. Para além de conceitos e definições, apresenta-se o modo em que a metodologia foi aplicada e contribuiu para a coleta de dados da investigação.

Conforme Sonia Virgínia Moreira (2005), a Análise Documental consiste em um procedimento de identificação, verificação e apreciação de documentos para uma determinada finalidade. Dentro de um panorama histórico apresentado pela autora, é possível perceber que diversas áreas do conhecimento, como História, Medicina, Educação, Psicologia, Ciências, dentre outras, utilizam do recurso como apoio para a pesquisa científica.

Ao longo do texto 'Análise documental como método e técnica', a autora apresenta ainda algumas utilizações costumeiras e aplicações das diferentes áreas do conhecimento. Por exemplo, nas Ciências Sociais, a análise dos documentos serve como referência para os estudos sobre a sociedade; já para o historiador, trata-se de um passo importante para o registro histórico. Na Educação, pode se referir à fonte de informação, e ao mesmo tempo, indicador de metas e dificuldades encontradas no âmbito de ensino e aprendizagem.

Entretanto, ao voltar os olhares para a área da Comunicação, Moreira (2005) entende que a metodologia não é utilizada com a mesma tradição dos campos mencionados anteriormente. Assim, o recurso tem maiores aparições em momentos como resgates históricos de meios de comunicação, personagens ou períodos temporais. Como fontes mais comuns, estão as mídias impressas (jornais, revistas, catálogos), mídias eletrônicas (gravações de áudios, vídeos, documentários, etc)¹⁴ e outros arquivos oficiais.

¹⁴ Apropria-se da exemplificação das mídias eletrônicas como material de análise documental a partir da monografia de Gabriel Henrique Ricciardi Matos, egresso do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda. 2023. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/bitstream/riiu/7966/1/Gabriel%20Henrique%20Ricciardi%20Matos%202023.pdf>.

Nesta pesquisa, a Análise Documental serviu para a obtenção de dados existentes sobre a Pesquisa em Comunicação no contexto do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa. De tal modo, as buscas foram realizadas nos Projetos Pedagógicos do Curso de Relações Públicas (PPC) que estão disponíveis no portal oficial da Unipampa, com o propósito de mapear as iniciativas e lacunas na formação acadêmica que impactam de forma positiva, negativa ou indiferente no desenvolvimento de pesquisas científicas em Relações Públicas.

Ao fazer o mapeamento dos PPCs, é possível notar a disponibilidade de seis arquivos, sendo eles, versões de 2012, 2014, 2016, 2019 e 2023 - 1ª edição e 2023 - 2ª edição. No entanto, esta pesquisa mergulhou nos documentos dos anos de 2019, por se tratarem de currículos universitários em vigência na Instituição.

O processo de análise dos PPCs observou com relação à oferta de disciplinas voltadas para o âmbito Academia/Pesquisa, além de ações que exigem ou estimulam as práticas voltadas à produção científica. Outro espaço de busca foi o site de Gestão Unificada de Recursos Institucionais (GURI) da Unipampa, que permite verificar quais são os projetos em atividade e as temáticas envolvidas. No item 3.3.1 e 3.3.2 faz-se a apresentação de tais informações.

2.2.3 Entrevista em Profundidade

De modo a mapear as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, foram realizadas **Entrevistas em Profundidade com egressos do Curso de RP da Instituição** que estavam em processo de desenvolvimento da monografia ou projeto experimental no semestre 2024/2.

Conforme Duarte (2005), a Entrevista em Profundidade se refere a uma metodologia para compreender as condições humanas, adotada bastante em áreas como Sociologia, Antropologia, Administração, Comunicação, Educação, Psicologia, etc. Conceitualmente, o procedimento metodológico é uma ferramenta utilizada para identificar as diferentes percepções sobre um assunto e descrever fenômenos.

No contexto da Comunicação, o autor pontua ainda que a Entrevista em Profundidade é utilizada, geralmente, para entender como os produtos estão sendo percebidos por funcionários, identificar motivações para uso de certo serviço, ou

então, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação. A metodologia é útil para apreensão de uma realidade, assim como, para descrever os processos nos quais um indivíduo, ou seja, o entrevistado, está ou esteve envolvido (Duarte, 2005).

Para a execução das entrevistas, foi realizado um planejamento prévio de etapas, sendo elas: (I) Definição do público e formato do procedimento; (II) Elaboração do roteiro de perguntas para os entrevistados; (III) Convite aos entrevistados; (IV) Definição de categorias de análise das respostas; (V) Análise das informações coletadas.

Antes de direcionar para as seguintes subseções, uma questão que pode surgir no processo: **“Por que optar por uma entrevista em profundidade ao invés de um grupo focal?”**. Neste sentido, por entender que a pesquisa objetiva investigar questões particulares dos informantes, como as motivações e as dificuldades no processo do projeto e do desenvolvimento, a primeira metodologia foi tida como mais adequada, pois proporciona um ambiente mais agradável e livre de julgamentos sobre as questões levantadas. Por outro lado, o grupo poderia gerar respostas com interferências de outros candidatos, assim como, abrir maiores espaços para abstenção de alguns respondentes.

Para alcançar os objetivos propostos inicialmente, através da entrevista em profundidade, fez-se o diálogo com estudantes da graduação de Relações Públicas da UNIPAMPA que estejam no processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2024.

A etapa metodológica foi qualitativa, com questões estruturadas previamente, respostas abertas, com o subsídio da plataforma de questionário Google Forms para o armazenamento das respostas dos informantes. As entrevistas foram realizadas em formato *on-line*, através da plataforma de vídeo transmissão *Google Meet* e preenchidas pelo autor deste trabalho durante a condução da entrevista, com o suporte visual de *slides* com as questões.

Ao total, foram entrevistados dez estudantes de Relações Públicas que estavam em processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso em um dos formatos disponíveis: (I) Monografia; (II) Projeto Experimental. Em específico, a seleção dos informantes seguiu o critério da intencionalidade (Duarte, 2005), optando por, no mínimo, cinco discentes em cada um dos formatos. Os

entrevistados receberam o convite por meio de mídias sociais digitais, como WhatsApp e Instagram.

Dentro do objetivo de investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, foi elaborado um roteiro com 21 perguntas (Apêndice A) para os entrevistados. A entrevista foi dividida em seis seções (Apêndice B), sendo elas: (1) Histórico do aluno com a pesquisa científica; (2) ‘Sou capaz de opinar’: perspectivas sobre as práticas de pesquisa; (3) ‘Eu escolho você!': escolha do formato e tema do TCC; (4) Processo de desenvolvimento do TCC; (5) Reflexão sobre processo e desenvolvimento; (6) Expectativas e satisfação.

As 21 perguntas pretenderam responder ao objetivo: “Investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso”. Assim, no capítulo 5, faz-se o cruzamento das informações coletadas nas entrevistas com o referencial teórico.

2.2.3.1 Categorização das análises

Após a realização das sessões de entrevistas, foi necessário a decupagem das informações coletadas, assim como, o agrupamento dos relatos por meio do processo de categorização. Neste sentido, a análise foi feita por meio das seguintes categorias:

Figura 6 – Categorias para a análise das entrevistas

| Categoria | Detalhes |
|---|--|
| Histórico e experiência com a pesquisa | <ul style="list-style-type: none">• Participação em atividades de pesquisa• Percepção sobre a pesquisa científica |

| | |
|---|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Percepção da importância sobre a pesquisa científica |
| Escolha do formato e tema do TCC | <ul style="list-style-type: none"> • Motivação para a escolha do formato • Processo de escolha do tema |
| Dificuldades no desenvolvimento do TCC | <ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades relacionadas ao formato • Aspectos metodológicos • Aspectos burocráticos/normativos • Aspectos de formatação • Gestão do tempo e organização |
| Orientação | <ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade relacionadas às orientações • Dificuldades relacionadas ao orientador • Suporte no processo de fazer a pesquisa |
| Influência de grupos de pesquisa | <ul style="list-style-type: none"> • Participação ou influência de grupos de pesquisa; |

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Feitas as entrevistas e a categorização dos conteúdos coletados, optou-se pela articulação nas discussões entre os relatos dos estudantes de graduação em período de trabalho de conclusão de curso com os dados encontrados ao longo da pesquisa, tais como bases teóricas e as informações localizadas em documentos como PPCs, projetos de pesquisa e afins.

Tal movimento auxilia no processo de entender como a Pesquisa Científica, mais especificamente, o Trabalho de Conclusão de Curso mobiliza diferentes noções e desafios para os estudantes da reta final da graduação.

3 POSSIBILIDADES DE CAMINHOS: as práticas de Pesquisa em Comunicação

Ao decorrer da graduação, são inúmeros os caminhos disponíveis para que os estudantes possam se “aventurar”, desde experiências em sala de aula até oportunidades extracurriculares, tais como projetos de pesquisa, ensino, extensão e gestão, oficinas, palestras, empresa júnior, simpósios, congressos, competições, dentre outros formatos e espaços de interação universitária.

Neste sentido, é possível entender que as experiências vivenciadas pelos discentes ao decorrer da graduação podem ajudar a direcioná-los a assuntos de interesses no momento de desenvolvimento do TCC. Além disso, a trajetória dos estudantes pode ser personalizada de acordo com a identificação de cada um, podendo optar por trilhar uma jornada mais voltada para a academia, o mercado de trabalho, e até mesmo, um percurso mais próximo à questões sociológicas, filosóficas, históricas e/ou políticas.

Ao longo deste capítulo, fez-se a apresentação de um panorama teórico sobre a Iniciação e a Pesquisa Científica na graduação, entendendo-os como elementos fundamentais para chegar no Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, foi realizada a revisão bibliográfica acerca da Pesquisa em Comunicação, de modo a entender o surgimento e as características do campo de conhecimento.

Por fim, no item 3.3, apresenta-se o mapeamento das iniciativas, projetos e componentes curriculares vinculados à Pesquisa em Comunicação são ofertados no Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA.

3.1 O cenário da Pesquisa Científica: definições e características

A prática da investigação é inerente à experiência humana e manifesta-se de diferentes formas, desde as atitudes mais corriqueiras, guiadas pelo senso comum, até processos metodicamente elaborados e orientados por objetivos científicos e metodológicos. Diferenciar essas modalidades de pesquisa é fundamental para compreender as especificidades da pesquisa científica, foco principal da formação acadêmica na graduação.

De modo a tratar sobre os desafios dos discentes no desenvolvimento dos trabalhos de conclusão de curso, aborda-se, ao longo deste subcapítulo, as discussões sobre a Pesquisa Científica na Graduação. Portanto, consiste em uma

revisão teórica com contextualizações etimológicas e definições sobre o termo. Propõe-se, inicialmente, o movimento de distinguir a pesquisa costumeira, do senso comum e espontâneo; a pesquisa mercadológica, orientada por interesses práticos e comerciais; e a pesquisa científica, orientada pela busca sistemática e rigorosa de novos conhecimentos.

Para essa reflexão, Santos (2002 *apud* Francelin, 2004) entende que o senso comum produz conhecimento, mas de forma superficial e ilusória. Em contrapartida, as pesquisas científicas procuram a informação de maneira genuína e exata, no entanto, essas duas características não excluem o caráter discutível das investigações, que foi conferido pela mentalidade cientificista dos séculos XVIII e XIX.

Neste contexto, é possível resumir que a pesquisa costumeira, ou comum, busca informações ou opiniões sobre um determinado assunto para compreensão de modo supérfluo, podendo ser uma discussão popular, e até então, uma tomada de decisão, por exemplo: “quais são os diferenciais da marca A e a marca B” ou “quais são as qualidades da marca C?”. Nesse tipo, pode-se utilizar de métodos de observação informal para coletar dados, mas não possui o mesmo rigor da Pesquisa Científica.

A pesquisa realizada sob viés mercadológico, também conhecida em alguns casos como Pesquisa de Marketing, permite que o discente, o profissional ou a organização identifique, analise e apresente informações para a tomada de uma decisão estratégica (Malhotra, 2006 *apud* Tosta, 2015). Em componentes curriculares, os estudantes de Relações Públicas, por exemplo, aprendem a atuar e utilizar ferramentas que dão subsídio teórico e prático para a realização de uma pesquisa mercadológica.

Por fim, a Pesquisa Científica – conceito-chave deste subcapítulo –, é o tipo de prática originada de um problema, indagação ou dúvida, que deve ser realizado com um determinado rigor, ética, procedimentos metodológicos e matrizes teóricas específicas (Del-Masso; Cotta; Santos, 2024).

Para Ferreira Neto (2019, p. 42), a Pesquisa Científica trata-se de: “um processo de averiguação que possui o interesse em descobrir as relações existentes entre as questões que cercam os fatos, fenômenos, situações ou coisas”. Em outras palavras, é a investigação que pode gerar novos conhecimentos para a ciência, a sociedade, e principalmente, para o próprio indivíduo.

Conforme Ciribelli (2003), a Pesquisa Científica tem preocupação com o estabelecimento de novos conhecimentos acerca de diferentes fatos ou fenômenos que ainda não são suficientemente conhecidos. Além disso, trata-se da explicação que segue uma sistemática e ordem consciente, podendo dar continuidade a conhecimentos anteriores. O tipo de investigação segue uma ordem lógica e objetiva com procedimentos e resultados para serem alcançados. É por meio desta prática que uma maior qualidade e quantidade de informações são adquiridas para a compreensão do homem, da sociedade e da natureza.

A Pesquisa pode trabalhar acerca de diferentes temáticas, com complexidades variadas, que dependem principalmente da Instituição e da criatividade dos estudantes e pesquisadores envolvidos no processo (Ciribelli, 2003). No campo da Comunicação, as investigações também possuem, em diversas vezes, caráter inter e multidisciplinar, no entanto, tais discussões serão tratadas com mais profundidade no subcapítulo 3.2.

Afinal, por que discutir ou investigar sobre a Pesquisa Científica na graduação? Para Gressler (2004), é graças às investigações realizadas no âmbito científico e acadêmico que surgiram diversas conquistas, seja na área da Saúde, da Genética, da Energia Elétrica, e também, da Comunicação, área de conhecimento deste trabalho. De modo pragmático, seria esse um dos motivos para integrar-se às práticas na Universidade.

Entretanto, é preciso pensar as atividades investigativas para além dos retornos palpáveis, isto é, não se limita, por exemplo, à descoberta de um tratamento para doenças incuráveis, à criação da inteligência artificial, ou então, ao encontro de um fóssil de espécie histórica. Reduzir a ciência a essa lógica é criar uma visão limitada e estereotipada de quem pode fazer parte desse universo, percepção que, por vezes, negligencia áreas e/ou disciplinas de viés teórico, como a Filosofia e Sociologia.

Para além, há uma certa dificuldade de os docentes convencerem os discentes de que a Pesquisa Científica é um princípio fundamental para a formação no ensino superior, isto é, existe a pré-concepção de que o estudo e a prática é destinada apenas aos professores, pesquisadores e às pessoas que desejam seguir na área acadêmica. Gressler (2004) argumenta que a pesquisa não pode ser pensada como uma atividade somente destinada aos 'gênios'.

Neste sentido, então, uma das importâncias da Pesquisa Científica – principalmente no contexto da graduação – se dá na formação de um profissional com maior senso crítico, criativo e sensibilizado, que saiba incorporar o método científico nas práticas do dia a dia (Ferreira Neto, 2019).

Como pode-se pensar a Pesquisa Científica para estudantes, então, para além daqueles que pretendem seguir como pesquisadores de mestrado, doutorado e professores? Gressler (2004) pontua que é por meio da pesquisa que o aluno poderá ser desafiado à descoberta de soluções para diferentes domínios. Ferreira Neto (2019) entende que a prática contribui para o desenvolvimento do aluno, preparando-o, de forma qualificada para o mercado de trabalho.

Para Fontes e Poletto (2018), a atividade mostra a sua importância ao promover um processo emancipatório do cidadão, isto é, ela possui papel transformador e que leva o estudante a ser um cidadão mais consciente da sociedade e das realidades do entorno. Os autores ainda defendem que a pesquisa deve ser um ato educativo, formativo e de reflexão, gerando resultados e debates dentro e fora da Instituição.

Após trazer contextualizações sobre o tema, busca-se, agora, refletir sobre a Pesquisa Científica como parte fundamental do ensino superior, com o destaque a partir da graduação. Neste mote, Fontes e Poletto (2018), discorrem que as práticas de investigação e escrita acadêmica devem ser introduzidas pelos docentes – e na grade curricular – desde o início do curso, para que assim, os discentes não tenham ‘grandes’ dificuldades no momento de desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso (TCC).

Dentre as práticas acadêmicas que podem ser introduzidas por docentes, consideram-se, por exemplo, projetos de Iniciação Científica, disciplinas ligadas à pesquisa (como Introdução e Metodologia Científica), bolsas de incentivo, oficinas de capacitação, eventos científicos, entre outras formas de estímulo. Tais sugestões advêm da perspectiva de que muitos estudantes de graduação, inclusive em Comunicação, chegam ao semestre do TCC sem nenhuma experiência anterior.

No item a seguir, faz-se discussões teóricas com relação à Iniciação Científica.

3.1.1 Iniciação Científica

De acordo com Ferreira Neto (2019), a **Iniciação Científica** pode ser uma das portas de entrada para que os discentes tenham contato com a pesquisa. As atividades deste âmbito possuem a capacidade de complementar a trajetória acadêmica, assim como, proporcionar a aprendizagem de técnicas e modelos de pesquisa.

Para o autor, a trajetória acadêmica não pode ficar limitada ao tempo de sala de aula, então, a Iniciação Científica entra como oportunidade de desenvolver habilidades interpessoais e o direcionamento profissional. Massi e Queiroz (2010 *apud* Ferreira Neto, 2019), apresentam a terminologia como o processo que fornece um conjunto de conhecimentos para iniciar os discentes ao rito e às tradições da ciência. Em outras palavras, trata-se da experiência que pretende ‘apresentar’ o aluno ao universo de possibilidades, propondo o senso crítico e mostrando caminhos de como desenvolver um trabalho.

A Iniciação, que origina-se da ideia de ‘começar algo’, tem como protagonistas o aluno e o professor, em busca do conhecimento, que aqui são entendidos dentro da relação orientador-orientando (Von Zuben, 1995). Para Peixoto *et al* (2014), é a atividade que busca inserir os estudantes de graduação na prática de investigação. Neste sentido, as Universidades, caracterizadas como o polo do conhecimento, têm a responsabilidade de oferecer recursos de estímulo para que os discentes possam seguir no caminho da pesquisa.

No entendimento de Demo (2002 *apud* Fontes; Poletto, 2018), a pesquisa, assim como a iniciação, pode ser trabalhada pelos docentes como prática educativa. Amoras (2010), citada pelos mesmos autores, pontua que a atividade tem papel decisivo na formação inicial e contínua de docentes e discentes. A Iniciação Científica, se bem coordenada pelo(a) docente, tem a capacidade de melhorar a escrita, oralidade, propõe o conhecimento de novos temas e áreas

Segundo Amora (2010 *apud* Fontes; Poletto, 2018), é através da iniciação que o estudante de graduação pode aumentar a maturidade intelectual, capacidade reflexiva e de compreensão da ciência, além de criar familiaridades com a estrutura de projetos e como problematizar um tema.

Por outro lado, entende-se também que a pesquisa deve fazer parte da rotina dos professores. Jankevicius (1995) pontua que estas atividades são indispensáveis

aos docentes de graduação, visto que sem elas, tornam-se apenas ‘repassadores’ de informações presentes nos livros didáticos que, por vezes, tornam-se ultrapassadas. Em outras palavras, o orientador deve estar atualizado e possuir contato frequente com a ciência e os projetos de pesquisa das instituições, para que assim, possa guiar e/ou compartilhar o conhecimento com orientandos e alunos.

Na tentativa de elucidar o que faz o estudante de Iniciação Científica, encontra-se uma das respostas possíveis no Portal Oficial da Universidade Franciscana (s.d.)¹⁵:

O trabalho de um **aluno de graduação** que faz **iniciação científica** é pesquisar assuntos junto a outros estudantes pesquisadores, criando **projeto de pesquisa** com professores orientadores e coordenadores já mestres ou doutores, exercendo a **oportunidade de desenvolver** e descobrir novos produtos ou processos, elementos, máquinas ou até novas teorias (UFN, s.p., grifo deles).

Em síntese, a Iniciação Científica trata-se da prática de envolvimento com as investigações que introduzem os discentes, interessados ou não em seguir no meio acadêmico, a produção de novos conhecimentos, artigos e/ou discutir sobre temáticas de interesse.

Nesse gancho, antecipa-se que as discussões acerca das práticas de Pesquisa Científica no contexto do curso de Relações Públicas da UNIPAMPA serão tratadas no item 3.3 deste estudo. A seguir, ocupa-se de refletir acerca do campo acadêmico da Comunicação

3.2 A Pesquisa em Comunicação: contexto histórico e definições

Para tratar da Pesquisa em Comunicação, sobretudo, no contexto brasileiro, considera-se necessário fazer uma caminhada histórica e etimológica por este campo acadêmico-científico. Para tal, alguns autores são referências, como Lopes (2003; 2004); Lopes e Romancini (2018); Kunsch (2018); Kunsch e Gobbi (2016); Martino (2011); França (2011); Marques de Melo (2005); e Maldonado (2011).

No Brasil, a Pesquisa Científica em Comunicação começou a ganhar evidência após os anos 1950-1960, período que resulta do fenômeno da

¹⁵ O QUE é Iniciação Científica e para que serve? Disponível em: <https://www.ufn.edu.br/site/blog/o-que-e-iniciacao-cientifica-e-para-que-serve#:~:text=O%20trabalho%20de%20um%20aluno.novos%20produtos%20ou%20processos%2C%20elementos%2C>. Acesso em: 30 set. 2024.

comunicação massiva que estava em contínuo desenvolvimento (Kunsch; Gobbi, 2016; Lopes; Romancini, 2018). Além disso, na década de 60, são criadas as primeiras escolas de Comunicação no país, que ofertam cursos de graduação com formação profissional em Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Cinema, Televisão/Rádio e áreas afins.

Após os anos 1990, o campo acadêmico-científico da Comunicação alcançou um ganho significativo nos cursos de graduação e pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. Com isso, o número de universidades e instituições de nível superior com curso de Comunicação Social e respectivas áreas cresceu consideravelmente no país. Em diferentes áreas, até o ano de 2016, o Brasil contava com um total de 3.486 programas de pós-graduação, sendo 3.432 de mestrado e 1.804 de doutorado (Kunsch; Gobbi, 2016). Tais números representam a importância da pesquisa científica como um todo para o país.

Conceitualmente, Marques de Melo (2005) entende a Pesquisa em Comunicação como o estudo científico dos elementos que integram o processo comunicativo, a análise de fenômenos que envolvem a transmissão de informações para uma pessoa, um grupo ou uma variedade de públicos. Conforme o autor, o campo preocupa-se com os seguintes pontos: (I) *o comunicador*: as intenções, a organização, técnicas utilizadas, sua história, estrutura operacional, etc.; (II) *a mensagem*: canal, conteúdo, formas, simbologias, técnicas de difusão, etc; (III) *o receptor*: motivações, preferências, reações, comportamento, etc; (IV) *as fontes*: a sistemática para obtenção e recuperação das informações.

Nesta tentativa de definir a Pesquisa em Comunicação e o objeto de estudo, França (2011) indica que é o dispositivo que está em frente aos indivíduos, disponível aos sentidos humanos, que é materializado em objetos e práticas visuais, audíveis e/ou palpáveis. Assim, a autora entende que a comunicação está presente de forma quase exaustiva no espaço contemporâneo, seja na televisão, no rádio dos carros, nos *outdoors*, nas campanhas, nas bancas de revista.

Em outra definição do objeto de estudo, Martino (2011, p. 31, grifo nosso) considera que:

Também não se pode perder de vista que o objeto aqui em questão não é todo e qualquer fenômeno comunicativo, **mas apenas aqueles restritos à dimensão humana e mediatizados¹⁶ por dispositivos técnicos.**

Ao trazer três visões teóricas, não pretende-se definir qual autor está mais correto, mas sim, apresentar as diferentes óticas sobre a Pesquisa em Comunicação e o objeto de estudo, assim fortalecendo as discussões do campo acadêmico-científico. Tais contribuições partem da ideia de Martino (2011) de que existe uma certa dificuldade em estabelecer uma concepção universal.

A Pesquisa em Comunicação tem um caráter multidisciplinar e interdisciplinar e está intrinsecamente ligada com outras áreas do conhecimento, como Sociologia, Psicologia, Ciências Políticas e Linguística (Martino, 2011). Por isso, existe uma certa dificuldade por parte de pesquisadores da área em trazer uma definição unívoca do objeto de estudo deste campo. Além disso, o campo é um dos mais dinâmicos e está presente em diferentes estruturas e contextos da sociedade, dentre eles: político, econômico, social, tecnológico, etc (Kunsch; Gobbi, 2016).

Para Sousa (2018), os estudos da Comunicação, a partir da perspectiva interdisciplinar, ajudam a responder como os sujeitos compreendem seu entorno a partir do uso da informação. A autora insere que os sujeitos refletem projeções e formas de perceber o mundo a partir dos meios de comunicação e dos conteúdos à disposição. Em síntese, o campo tem como uma das preocupações entender como o sujeito é atravessado pela mídia e vice-versa.

Neste mote, para entender os atravessamentos da mídia sobre os sujeitos e desenvolver estudos no campo da Comunicação, os estudantes, sejam eles de graduação ou de mestrado, precisam compreender os processos que “constroem a pesquisa”. Del Carratore (2009) indica que a estrutura esperada para um trabalho científico é: (I) Definição do problema, hipóteses, base teórica e conceitual; (II) Justificativas; (III) Objetivos; (IV) Metodologias; (V) Cronograma de execução; (VI) Orçamento.

No campo da Comunicação, autores como Maldonado (2011) e Bonin (2013) consideram a importância dos pesquisadores compreenderem a contextualização do problema/objeto, os processos metodológicos e epistemológicos sobre o

¹⁶ Midiatização remete às transformações socioculturais potenciadas pela expansão das mídias na sociedade, ao caráter configurador da técnica, do ecossistema midiático nos desenhos das interações, dos funcionamentos institucionais, dos campos, das configurações espaço-temporais das sociedades, da experiência, da produção de sentido, entre outras dimensões (Bonin, 2011).

fazer-pesquisa. No que diz respeito ao primeiro ponto, dar contexto à pesquisa é necessário pois trata-se de um processo de reflexão, aprofundamento, sistematização e exposição do valor científico e sócio-histórico do projeto (Maldonado, 2011).

Para o autor, o ato de contextualizar o projeto, é relevante para situar os aspectos históricos, culturais, sociais, éticos e políticos de uma investigação, dando contexto ao problema situado na pesquisa. No entanto, evidencia-se que no campo da Comunicação, é possível encontrar contextualizações desconectadas dos problemas ou das problemáticas delimitadas. Em outras palavras, o pesquisador pretende tecer discussões sobre um determinado tema, mas apresenta discursos sociológicos e/ou históricos que pouco contribuem para a definição ou objetivos da investigação.

Com relação à metodologia, Bonin (2013) reflete que é costumeiro encontrar pesquisas com procedimentos e técnicas de coleta de dados pouco pensadas para a especificidade do objeto. Seibt *et al.* (2013) pontua que tal equívoco ocorre por parte do pesquisador ao pensar no item como uma receita culinária. Neste sentido, a recomendação é que todo objeto deve ter uma operação metodológica pensada de maneira específica. Em síntese, as etapas analíticas da pesquisa em comunicação podem ser adaptadas pelos estudantes de acordo com seu objeto empírico de referência e abordagem metodológica.

Pensar a etapa metodológica é um movimento importante que exige do pesquisador a instauração de processos de estudo, reflexão, desconstrução, apropriação e resignificação de propostas analíticas (Bonin, 2013).

Outro olhar necessário para a Pesquisa Científica em Comunicação diz respeito à importância das reflexões epistemológicas. Para Lopes (2004), a epistemologia é o processo que opera internamente à prática científica. Além disso, é o momento da pesquisa que define a relação entre quem investiga (sujeito) e o que está sendo investigado (objeto).

Já Maldonado (2011) entende a epistemologia como a reflexão aprofundada sobre as condições de produção, como princípios, conceitos, métodos, lógicas, procedimentos, instrumentos de produção científica e resultados esperados para a pesquisa. Em síntese, a reflexão epistemológica é importante para orientar a forma de produção, entendimento e avaliação do conhecimento.

Tais processos, tanto metodológicos quanto epistemológicos, são passos importantes para o pesquisador no campo da Comunicação, principalmente no momento de desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso.

3.3 As experiências curriculares e extracurriculares

3.3.1 Projeto Pedagógico do Curso de Relações Públicas

No item 3.3.1 e subitens (3.3.1.1 e 3.3.1.2), realizou-se o levantamento das informações relacionadas ao Projeto Pedagógico do Curso de Relações Públicas e as práticas de pesquisa.

De tal maneira, os dois espaços concentram olhares para mapear as práticas de pesquisa previstas em sala de aula (componentes curriculares obrigatórios) e de maneira extracurricular (atividades complementares de graduação).

3.3.1.1 PPC 2019: Relações Públicas com ênfase em Produção Cultural

No PPC de 2019, os discentes de Relações Públicas deveriam cumprir, no mínimo, uma carga horária de 3.245 horas obrigatórias distribuídas em Componentes Curriculares (3.045h)¹⁷ e Atividades Complementares de Graduação (ACG) (200h).

Conforme o PPC do curso de Relações Públicas (Universidade Federal do Pampa, 2023b), os componentes curriculares de graduação são distribuídos em quatro eixos, sendo eles: I. Formação Geral; II. Comunicação; III. Relações Públicas; IV. Formação Suplementar. No sentido deste trabalho, busca-se mapear os componentes curriculares obrigatórios vinculados à Pesquisa em Comunicação.

O currículo de 2019 não prevê uma distinção entre componentes curriculares mais voltados para a área Acadêmica-Científica ou a área Mercadológica de RP. Assim, os esforços realizados são de, a partir da coleta documental, refletir as distinções por meio das ementas disponíveis.

¹⁷ Incluindo Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório em Relações Públicas.

Figura 7 – Componentes Curriculares voltados para a Academia/Pesquisa

| Nome do componente curricular | Semestre | Eixo do PPC 2019 |
|--|-------------|------------------------|
| Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação | 2º semestre | Eixo Comunicação |
| Projeto em Relações Públicas | 7º semestre | Eixo Relações Públicas |
| Trabalho de Conclusão de Curso | 8º semestre | Eixo Relações Públicas |

Fonte: adaptado do PPC de Relações Públicas (Universidade Federal do Pampa, 2019).

No processo de verificação de componentes curriculares de Relações Públicas que possuem enquadramentos com as teorias e/ou práticas de Iniciação, Escrita ou Pesquisa Científica, foram encontrados três resultados mais próximos. Dentre eles, apenas uma disciplina anterior ao desenvolvimento do TCC, sendo **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Conforme o PPC de 2019, a ementa da disciplina prevê como conteúdo:

O campo epistemológico da pesquisa em comunicação. Diferentes tradições metodológicas da pesquisa na área da comunicação. **Os principais conceitos e suportes metodológicos utilizados em pesquisa:** pesquisa bibliográfica, documental, levantamento, estudo de caso, participante, pesquisa ação, etnografia, estudo de campo, dentre outras. Elaboração, aplicação e análise de projetos de pesquisa. (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 61, **grifo nosso**)

De maneira geral, a disciplina objetiva: “Estudar os principais métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa científica adotados nos estudos do campo da comunicação, mais especificamente das relações públicas” (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 61).

No sentido do PPC 2019, sente-se a falta de algum componente curricular que faça a inserção do discente nas questões relacionadas à Pesquisa Científica. Isto é, há a sensação de que o estudante de Relações Públicas é diretamente inserido no componente curricular que trata dos métodos científicos, assim, sendo necessário absorver uma diversa quantidade de conteúdo em um curto espaço de tempo logo no início do curso, com uma lacuna temporal grande até o desenvolvimento do TCC.

Há outros dois componentes curriculares que podem servir indiretamente de subsídio ao aprendizado relacionado à Pesquisa Científica, sendo eles:

Figura 8 – Componentes Curriculares com discussões teóricas-metodológicas

| Nome do componente curricular | Semestre | Eixo do PPC 2019 |
|-------------------------------|-------------|------------------------|
| Teoria da Comunicação | 2º semestre | Eixo Comunicação |
| Pesquisa aplicada em RP | 4º semestre | Eixo Relações Públicas |

Fonte: adaptado do PPC de RP (Universidade Federal do Pampa, 2019).

Ao trazer componentes que dialogam com discussões teóricas-metodológicas do universo da pesquisa científica, entende-se que o primeiro fornece subsídio ao trazer para o discente na ementa:

Análise e pesquisa dos fundamentos da comunicação social e modelos comunicacionais correntes. Análise dos fenômenos da comunicação social. Relação da teoria da comunicação social com os aspectos vivenciais práticos da comunicação humana.
(Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 59)

Enquanto isso, a disciplina de Pesquisa Aplicada em Relações Públicas traz um direcionamento específico aos conceitos e suportes metodológicos utilizados em pesquisa de opinião pública. De certo modo, o componente fornece o exercício reflexivo procedimental, isto é, como fazer a pesquisa, os métodos utilizados, a amostra e o universo, a coleta de dados e os resultados encontrados.

Para além dos componentes curriculares obrigatórios, o PPC exige que o discente de Relações Públicas obtenha 200 horas de atividades complementares de graduação, distribuídas em quatro categorias: I. Atividades de Ensino; **II. Atividades de Pesquisa**; III. Atividades de Extensão; IV. Atividades Culturais, Sociais, de Gestão e Artísticas.

Nos enquadramentos deste estudo, busca-se pelo aprofundamento das atividades de pesquisa ofertadas no Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA. Isto, claro, não significa que projetos de Ensino, Extensão e Atividades Culturais deixem de conter práticas científicas. De fato, os discentes envolvidos nestes três grupos também precisam seguir um rigor e exercício ético, tal qual, podem submeter em algum momento produções para um evento, repositório ou revista científica.

Conforme o Art. 6º (Universidade Federal do Pampa, 2019), as atividades de Pesquisa envolvem:

- I - Participação em projetos de pesquisa da UNIPAMPA, ou de outras instituições de ensino superior, ou de centros de pesquisa de nível equivalente ou superior desde que conveniados com a UNIPAMPA;
 - II - Publicação de resumo e/ou resumo expandido em anais de congressos na área da pesquisa;
 - III - Publicação de artigos em jornais de circulação local, regional e nacional;
 - IV - Publicação de artigo científico em revistas e/ou anais de congressos na área da pesquisa;
 - V - Publicação de livro e/ou capítulo de livro na área da pesquisa;
 - VI - Participação, como ouvinte, em eventos (seminários, simpósios, congressos, semanas acadêmicas, palestras, entre outros) na área da pesquisa em temas afins ao Curso;
 - VII - Apresentação de trabalhos em eventos (seminários, simpósios, congressos, semanas acadêmicas, entre outros) na área da pesquisa em temas afins ao Curso.
- (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 153, grifo nosso).

Conforme apresentado acima, as possibilidades de envolvimento com a Pesquisa Científica são diversas. A partir das informações colhidas no PPC 2019 – e no 2023 –, pretende-se mapear no **item 3.3.2** quais são as iniciativas e projetos de pesquisa existentes que estão vinculados ao curso de Relações Públicas e à Comunicação atualmente.

No item a seguir, pretende-se apresentar o que há de novo nos direcionamentos da Pesquisa Científica que pode contribuir para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

3.3.1.2 PPC 2023: Relações Públicas

Após a mudança da nomenclatura ‘ênfase em Produção Cultural’, o Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa passa por uma mudança significativa nos componentes ofertados na grade curricular da graduação. Neste PPC, os estudantes devem cumprir uma carga horária total de 3275 horas distribuídas entre: I. Componentes Curriculares Obrigatórios de Graduação (2.985 h); II. Atividades Complementares de Graduação (200 h); III. Atividades Curriculares de Extensão – Unipampa Cidadã (90 h).

Do currículo anterior para este, algumas modificações foram percebidas na grade curricular, isto é, as disciplinas passam a ser divididas do seguinte modo: I. Formação Geral; II. Formação Comunicação; III. Formação Relações Públicas; IV.

Formação Suplementar; V. Estágio Curricular Supervisionado em Relações Públicas.

Assim como no PPC 2019, não há distinções e/ou agrupamentos de componentes curriculares voltados para a Pesquisa/Academia. Portanto, faz-se também o mapeamento de disciplinas com características que estimulem a teoria e/ou a prática de Iniciação, Escrita e Pesquisa Científica.

Figura 9 – Componentes Curriculares da Graduação de Relações Públicas voltados ao âmbito da pesquisa

| Nome do componente curricular | Semestre | Eixo do PPC 2023 |
|--|-----------------|-------------------------|
| Introdução à Pesquisa Científica | 2º semestre | Eixo Formação Geral |
| Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação | 6º semestre | Eixo Comunicação |
| Projeto em RP | 7º semestre | Eixo Relações Públicas |
| Trabalho de Conclusão de Curso | 8º semestre | Eixo Relações Públicas |

Fonte: Universidade Federal do Pampa (2023b).

Diferentemente do PPC 2019, neste há a oferta de um componente curricular de Introdução à Pesquisa Científica no segundo semestre da graduação. A disciplina tem uma ementa que prevê:

O conhecimento humano. Tipos de conhecimento: filosófico, teológico, popular e científico. Iniciação às ciências da comunicação. Formatos de trabalhos científicos: ficha, resenha, resumo, artigo, ensaio e monografia. Normas técnicas, de apresentação, formatação de trabalhos científicos. (Universidade Federal do Pampa, 2023, p. 150)

A oferta da disciplina e a ementa demarcam um elemento importante para o percurso acadêmico na graduação, isto é, assegura que o discente não chegará ao TCC sem experiências prévias com a Pesquisa Científica, principalmente a Introdução aos principais conceitos da área.

Além disso, ao explorar o PPC 2023, nota-se que também há componentes que trabalham a reflexão teórica-metodológica exigida no passo da pesquisa científica.

Figura 10 – Componentes curriculares com discussões teóricas-metodológicas

| Nome do componente curricular | Semestre | Eixo do PPC 2023 |
|---|-------------|------------------------|
| Teorias da Comunicação | 2º semestre | Eixo Comunicação |
| Laboratório de Pesquisas em Relações Públicas | 5º semestre | Eixo Relações Públicas |

Fonte: adaptado do PPC de RP (Universidade Federal do Pampa, 2019).

De maneira exata ao PPC anterior, as atividades complementares de graduação dividem-se em quatro grupos: I. Atividades de Ensino; **II. Atividades de Pesquisa**; III. Atividades de Extensão; IV. Atividades Culturais, Sociais, de Gestão e Artísticas. Entretanto, o caminho de foco segue acerca das atividades de pesquisa.

Conforme o Art. 6º (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 255-256), o grupo II envolve as seguintes atividades:

- I - Participação em projetos de pesquisa da UNIPAMPA, ou de outras instituições de ensino superior, ou de centros de pesquisa de nível equivalente ou superior desde que conveniados com a UNIPAMPA;
- II - Publicação de resumo e/ou resumo expandido em anais de congressos na área da pesquisa;
- III - Publicação de artigos em jornais de circulação local, regional e nacional;
- IV - Publicação de artigo científico em revistas e/ou anais de congressos na área da pesquisa;
- V - Publicação de livro e/ou capítulo de livro na área da pesquisa;
- VI - Apresentação de trabalhos em presenciais ou on-line (seminários, simpósios, congressos, semanas acadêmicas, entre outros) na área da pesquisa em temas afins ao Curso.

Em linhas gerais, nota-se que o PPC prevê o incentivo da prática da pesquisa a partir da exigência de atividades complementares de graduação. Entretanto, o exercício a ser feito pretende identificar se, de fato, existe a oferta destes espaços na Instituição, tais como projetos, grupos e/ou bolsas de incentivo à iniciação e pesquisa científica.

No próximo subcapítulo, é feito o mapeamento de projetos, grupos e/ou bolsas de incentivo à iniciação e pesquisa científica. Assim, a busca é realizada através do Portal da Gestão Unificada de Recursos Institucionais (GURI), no Sistema de Projetos Acadêmicos (SAP).

3.3.2 Projetos de Pesquisa em Relações Públicas da UNIPAMPA

Nesta subseção, intenciona-se mapear quais iniciativas e práticas de incentivo à pesquisa são oferecidas por docentes do Curso de Relações Públicas. A busca foi realizada no portal do aluno GURI, através do SAP. Nesse processo, foi necessário a realização de filtros disponíveis na página, assim, foram selecionados os botões: “Área: Pesquisa”; “Unidade: São Borja”.

Vale ressaltar que o portal dos projetos institucionais contém iniciativas de diferentes naturezas, unidades e durações. Portanto, verificou-se a data de início e conclusão e o curso do coordenador de cada projeto, para assim, tomar nota da ementa e se há algum edital de incentivo/fomento para participantes de projetos em vigência.

Para discutir sobre as iniciativas encontradas, opta-se por fazer a exposição em um quadro.

Figura 11 – Mapeamento de Projetos de Pesquisa

| Nome do Projeto + Coordenador | Ementa | Possui edital de fomento? Qual? |
|---|---|---|
| <p>Comunicação Pública e Inteligência Artificial: uma abordagem interdisciplinar para a Indústria Criativa</p> <p>Coordenador Tiago Costa Martins</p> | (Resumo não disponibilizado pelo coordenador) | <p>2024 AGP - Chamada Interna N° 14/2024 - Apoio a Grupos de Pesquisa (AGP)</p> <p>2024 PIBIC-EM - Edital N° 288/2024 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio</p> <p>2024 PRO-IC IC - Chamada Interna N° 15/2024 - Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica - PRO-IC Modalidade Iniciação Científica</p> |
| <p>Discursos das/sobre minorias no digital</p> <p>Coordenadora Paula Daniele Pavan</p> | Sustentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Materialista articulada por Michel Pêcheux, o projeto tem como foco os discursos sobre/das minorias materializados no digital, buscando compreender os efeitos e os movimentos de sentidos produzidos pelos sujeitos e(m) suas práticas de resistência. Assim, o projeto apresenta-se como uma continuidade e um alargamento das pesquisas que vêm sendo realizadas pela autora desde sua Tese de Doutorado. | 2023 PRO-IC MC - Chamada Interna N° 11/2023 - Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica - PRO-IC Modalidade Mulheres na Ciência |
| <p>Mapeamento e caracterização das pesquisas em Comunicação organizacional no Brasil: a influência das IES gaúchas e as contribuições científicas das</p> | A pesquisa concentra-se em uma importante área de estudos das Ciências da Comunicação, a saber, a Comunicação Organizacional, que compreende a Epistemologia da Comunicação Organizacional. Trata-se de aprofundar os estudos empreendidos por Margarida Kunsch | 2023 PIBIC - Edital N° 175/2023 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UNIPAMPA |

| | | |
|---|---|--|
| <p>investigações desenvolvidas no Rio Grande do Sul</p> <p>Coordenadora Larissa Conceição dos Santos</p> | <p>ao longo dos últimos anos, que ressaltam a importância de compreender a construção do campo da Comunicação organizacional (CO) no Brasil, a partir de suas perspectivas teóricas e metodológicas. Nesse sentido, o projeto visa realizar um levantamento atualizado do panorama de pesquisas em Comunicação Organizacional no Rio Grande do Sul e, de acordo com a proposta aqui defendida, verificar se os estudos levantados/identificados podem ser classificados de acordo com as "abordagens" e "paradigmas" clássicos sugeridos pela literatura internacional (BURREL; MORGAN, 1979; PUTNAM, 1982, TOMPKINS; REDDING, 1989; EISENBERG; GOODALL, 1993; DANIELS; SPIKER; PAPA, 1997; DEETZ, 2001), tendo em vista as singularidades metodológicas e de práticas observadas no contexto científico brasileiro e, especialmente, no gaúcho.</p> | |
| <p>O lugar da comunicação nos ecossistemas de criatividade e inovação</p> <p>Coordenadora: Marcela Guimarães e Silva</p> | <p>A economia criativa como uma alternativa social e econômica fez emergir novos conceitos com implicações teóricas e práticas em diferentes áreas do conhecimento, entre elas a da comunicação. Esta pesquisa ocupa-se em investigar o lugar da comunicação nos ecossistemas de criatividade e inovação, para então compreender desde uma perspectiva mais científica e até técnica o papel dos agentes, do mercado e do Estado na organização desses ambientes. Para isso, parte de uma revisão bibliográfica sobre temas correlatos como indústrias criativas, ecossistemas, criatividade, inovação, tecnologia, habitats, etc., com vistas a identificar o espaço ocupado pela comunicação como parte integrante e integradora destes ecossistemas. O escopo para percepção da realidade prática são os ecossistemas do Rio Grande do Sul, a serem investigados por meio de uma pesquisa de campo e também de documentos. Com esta pesquisa espera-se identificar a lugar da comunicação numa dimensão micro e macro destes ambientes por seus processos, técnicas, agentes e organizações presentes nos ecossistemas de criatividade e inovação.</p> | <p>PDA 2024 - Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação</p> <p>PDA 2023 - Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação</p> |
| <p>Políticas para a Indústria Criativa e o desenvolvimento na fronteira Brasil, Argentina e Uruguai</p> <p>Coordenador: Tiago Costa Martins</p> | <p>(não disponibilizado)</p> | <p>2024 PIBIC - Edital N° 289/2024 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UNIPAMPA</p> <p>2024 PRO-IC IP - Chamada Interna N° 04/2024 - Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica - PRO-IC Modalidade Incentivo à Pesquisa</p> |
| <p>MAPEAMENTO DOS TIPOS DE VIOLÊNCIA NA UNIPAMPA</p> <p>Coordenador: Erick de Melo Maciel</p> | <p>Embora a UNIPAMPA esteja no caminho da preservação da dignidade humana, há muito o que fazer no combate a comportamentos organizacionais que afirmam a prática de violências no âmbito institucional, como lawfare, violência psicológica, assédio moral, assédio sexual, entre outras práticas que dilaceram corações e mentes de seus colaboradores, impactando não só a saúde mental deles, mas também no aumento do</p> | <p>Não consta.</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>turnover na organização. A pesquisa terá uma abordagem quali-quantitativa, na qual serão desenvolvidas pesquisa bibliográfica, documental e exploratória. O levantamento de dados e informações será realizado em fontes primárias e secundárias, como leis, decretos, portarias e documentos oficiais em âmbito municipal, além de artigos científicos, monografias, dissertações, teses, livros etc., utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documental, pesquisa exploratória, pesquisa de campo, análise de conteúdo, etnografia etc. Espera-se obter com a pesquisa os seguintes resultados: Mudança do comportamento e cultura organizacional; Estímulo de uma Cultura de Prevenção no âmbito institucional; Definição do ICV-UNIPAMPA; Disponibilização do mapa temático ICV-UNIPAMPA; Criação do Observatório de Combate à Violência na UNIPAMPA; Correção de possíveis falhas no combate à violência organizacional pela gestão em todos os níveis e Recomendações à comunidade acadêmica da UNIPAMPA para o combate à violência no âmbito interno. A pesquisa é de extrema importância para a garantia de direitos fundamentais no âmbito institucional e a promoção de um ambiente saudável para o trabalho e ao desenvolvimento humano.</p> | |
|--|---|--|

Fonte: adaptado do Portal GURI da Unipampa (s.d)¹⁸.

Ao mapear os projetos de pesquisa oferecidos por professores que ministram componentes curriculares em Relações Públicas na Universidade Federal do Pampa, nota-se a diversidade de temáticas e abordagens propostas pelos coordenadores. De fato, há um caráter interdisciplinar e multidisciplinar nas ofertas, no entanto, esse passo metodológico não é – ainda – suficiente para compreender as dificuldades com a pesquisa científica.

Portanto, assim, insere-se a importância da entrevista, pois ela também pretende colocar esses dados em discussão com os estudantes em período de trabalho de conclusão de curso. De tal modo, reserva-se uma das seções metodológicas para compreender se os alunos tiveram ou não experiências com a pesquisa e as principais motivações.

¹⁸ Disponível em: <https://guri.unipampa.edu.br/sap/publico/pesquisarProjetos/>. Acesso em: 08 out. 2024.

4 O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Neste capítulo, percorre-se as discussões acerca dos trabalhos de conclusão de curso (TCC). De tal forma, a caminhada tem como ponto de partida as revisões teóricas sobre o conceito, para que em momento seguinte, sejam feitas as exposições acerca dos diferentes formatos e temáticas possíveis dentro da produção final da graduação.

4.1 Trabalho de Conclusão de Curso: a diversidade de formatos

Para dar início às discussões sobre o Trabalho de Conclusão de Curso, lança-se mão de uma citação de Eliana Araújo (*s.d. apud* Lima, 2017): o TCC é uma oportunidade para que o aluno se aproprie da teoria acadêmica e a transforme em uma oportunidade de atuação profissional.

O Trabalho de Conclusão de Curso, mais conhecido pela Comunidade Científica como TCC, refere-se à produção acadêmica geralmente apresentada para uma determinada banca com uma finalidade específica, que consiste na avaliação do discente para torná-lo apto à finalização da graduação (Araújo *et al.*, 2016). Em outras palavras, é o tipo de pesquisa ou projeto em que o discente deve aplicar conhecimentos teóricos e/ou práticos adquiridos ao decorrer da formação. No sentido desta pesquisa, refere-se à ideia de aplicar os aprendizados de Relações Públicas na Unipampa.

Lima (2017) reflete que o momento de realização do trabalho de conclusão de curso é o espaço proporcionado ao aluno para que ele desenvolva um projeto acadêmico, de cunho profissional ou de caráter teórico reflexivo contando com o apoio de um professor qualificado para a função de orientar.

Ao longo do TCC, os acadêmicos devem gerenciar as discussões em torno de um tema previamente delimitado pelo discente, em parceria com o orientador escolhido. Geralmente, possuem normatizações próprias em cada instituição de ensino superior, ou seja, os cursos de graduação definem o formato em que avaliarão o aluno em período de finalização do curso. Dentre um destes modelos possíveis, está a monografia que, conforme Durante, Ribeiro e Rocha (2019), é um dos meios possíveis para inserir os estudantes de IES na Pesquisa Científica.

Os autores citados acima definem o trabalho monográfico como a abordagem de um único tema ou problema sob um percurso metodológico de investigação, entendendo que essa produção de conhecimento pode gerar retorno para a aprendizagem e a sociedade. O termo ‘monografia’ pode ser utilizado tanto para pesquisas finais em graduação, quanto para o mestrado (dissertação) ou doutorado (tese) (Durante; Ribeiro; Rocha, 2019).

Entretanto, conforme antecipado, a produção monográfica não é o único caminho possível para o TCC, principalmente no curso de graduação em análise neste estudo: o Curso de Relações Públicas da Unipampa. No contexto da Instituição, o trabalho de conclusão divide-se em dois semestres, sendo: (I) Projeto em Relações Públicas¹⁹; (II) Trabalho de Conclusão de Curso.

Nessa divisão semestral, desde o momento de desenvolvimento do projeto, o estudante de Relações Públicas deve sinalizar o formato de TCC que irá desenvolver, sendo eles: (I) Monografia; (II) Projeto Experimental em Relações Públicas. Conforme o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Relações Públicas (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 88), a primeira disciplina consiste em: “Análise, problematização e discussão da temática de interesse do/a acadêmico/a com formação em Relações Públicas. Elaboração do Projeto de pesquisa em Relações Públicas. Elaboração do Projeto Experimental em Relações Públicas”.

Já o componente curricular de TCC tem a seguinte ementa: “Orienta o aluno no desenvolvimento de um trabalho monográfico ou prático sobre um tema relacionado às problemáticas teóricas pertinentes ao currículo do Curso de RP.” (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 91).

Em seguida, o PPC apresenta as diferenças entre a opção do formato monográfico (reflexão teórica-prática) e o projeto experimental (formação profissional): a primeira opção é realizada de modo “individual, podendo versar sobre tema específico de Relações Públicas e/ou estudos do campo da comunicação, de modo mais amplo” (p. 93). A monografia deve conter o mínimo de 40 páginas, com elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, conforme normas da ABNT.

¹⁹ Projeto em Relações Públicas e Produção Cultural no PPC 2019. Projeto em Relações Públicas no PPC 2023.

Enquanto a segunda alternativa diz respeito ao:

[...] trabalho específico de relações públicas, aplicado a organizações do primeiro, segundo ou terceiro setores, elaborado individualmente ou em dupla, acompanhado de fundamentação, reflexão teórica e intervenção documentada que se denomina Projeto Experimental [...]. O trabalho específico de relações públicas deverá ser apresentado na forma de um produto (plano de comunicação; vídeo institucional, entre outros), a ser planejado, executado e avaliado seguindo procedimentos teórico-metodológicos e ao final ser anexado ao relatório técnico. (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 93, supressão nossa)

Em ambos os casos, há a necessidade de que o discente de Relações Públicas seja orientado por um docente do curso da Instituição e ter a avaliação de uma banca composta por docentes ou profissionais formados na área do TCC, conforme Normas Acadêmicas de Graduação (Universidade Federal do Pampa, 2019).

Dadas as contextualizações sobre o TCC na graduação de Relações Públicas na UNIPAMPA, entende-se a necessidade de refletir ainda nesta seção sobre os desafios e dificuldades dos estudantes no trabalho final, devido à falta de referências bibliográficas que tratam sobre o curso em foco.

Em alguns casos, a monografia oriunda do TCC representa o primeiro contato de estudantes de graduação com a Pesquisa Científica. Esse fato pode ser o gerador de inseguranças por parte destes discentes em decorrência da ausência de experiências anteriores voltados à Pesquisa, que pode acarretar no desconhecimento sobre a estrutura de um projeto, as normas ABNT e a escrita da redação científica. No entanto, a investigação não trata de identificar um 'culpado', mas mapear iniciativas que possam fortalecer o processo de desenvolvimento científico.

Entretanto, um exercício a ser realizado a partir das entrevistas em profundidade foi o de identificar se os discentes tiveram interesse na Iniciação e Pesquisa Científica, se não houve alguma temática de afinidade e outras motivações para ter ou não participado destes espaços de incentivo. Além disso, identificar o porquê da escolha do aluno entre monografia e projeto experimental. Enquanto a análise documental contribuirá para entender o que é ofertado para inserção dos estudantes de RP no universo acadêmico (bolsas, componentes obrigatórios, complementares, eventos, etc).

Retomando as discussões ao contexto do desenvolvimento do TCC, Del Carratore (2009) observa que os trabalhos de rigor científico e com caráter sistematizado têm acarretado algumas dificuldades para os discentes de nível superior de Comunicação Social, principalmente por se tratar de uma produção mais extensa e, em alguns casos, pelos discentes não terem componentes ou espaços anteriores que os introduzisse para esse tipo de escrita.

Além das normas técnicas e operacionais de um TCC, o discente ainda precisa ter um cuidado reflexivo para a dimensão epistemológica e metodológica do trabalho, contemplando questões como: (I) O que pesquisar? - Definição do tema, hipóteses, base teórica e conceitual; (II) Por que pesquisar? - Justificativas da escolha; (III) Para que pesquisar? - propósitos do estudo e seus objetivos; (IV) Como pesquisar? - metodologias; (V) Quando pesquisar? - Cronograma de execução; (VI) Com que recursos? - orçamento; (VII) Pesquisado por quem? - envolvidos no estudo (Del Carratore, 2009).

Tais questionamentos são fundamentais para a constituição de um trabalho de conclusão completo e consistente. Desse modo, o discente deve se preocupar em compreender esse percurso, mas não apenas, deve ter capacidade de trabalhar de modo crítico e reflexivo no desenvolvimento.

4.1.1 O Papel do Orientador no TCC

Neste trecho, reflete-se acerca do papel do orientador no período de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, considerando aspectos como o suporte ao estudante de graduação, sugestões de leituras, apontamentos, entre outras atribuições. De maneira resumida, o orientador é o professor responsável por acompanhar e orientar no processo de elaboração do TCC.

Segundo Dias e Silva (2009), entende-se que o orientador escolhido pelo discente deve possuir competências na área de conhecimento do tema definido para o Trabalho de Conclusão de Curso, para permitir que a orientação resulte em um trabalho mais qualificado.

Outrossim, visita-se o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Relações Públicas que faz menções às práticas do orientador também. Conforme previsto no PPC (Universidade Federal do Pampa, 2019, p. 95-96, supressão nossa), compete ao professor orientador:

- a) orientar devidamente as atividades de pesquisa e/ou experimentação de seu orientando;
- b) estabelecer parâmetros e tempos de orientação do trabalho desenvolvido pelo aluno;
- c) avaliar o desempenho do orientando na sua globalidade, lembrando que o Trabalho de Conclusão de Curso constitui-se num trabalho conclusivo de qualquer Curso de Relações Públicas;
- d) avaliar se o trabalho tem qualidade suficiente para ir à banca e, em caso negativo [...]

Ainda é necessário reforçar que a construção da produção final, por mais que se trate de um esforço constituído pela interação docente-discente, é de responsabilidade principal do estudante. O orientador, neste percurso, acompanha os processos de projeto e desenvolvimento (TCC 1 e 2), faz cobranças, corrige – quando necessário –, sugere possibilidades de caminhos e traz literaturas pertinentes para a compreensão do assunto.

Neste sentido, é relevante reforçar que cada professor possui um perfil de atuação e linha de interesse, portanto, não há como esperar que docente A se porte como docente B, e vice-versa. Assim, cada orientador também possui uma dinâmica para instruir os orientandos, como periodicidade de encontros (semanal, quinzenal, etc), formatos (presencial, remoto, individual), atenção (individual ou em grupo). Além disso, há docentes que dão mais autonomia na escrita, assim como, há aqueles que trazem apontamentos mais frequentes no trabalho.

4.1.2 A Escolha do Tema no TCC

A escolha do tema de um Trabalho de Conclusão de Curso deve ser entendida como o ponto de partida da pesquisa, mas também como expressão do envolvimento subjetivo do pesquisador com o objeto investigado.

Segundo Santaella (2001), o assunto – e a delimitação – de uma investigação origina-se de elementos como o cotidiano, das experiências de vida pessoal e profissional, de curiosidades específicas, de um interesse em práticas, até mesmo, descobertas feitas dentro de um componente curricular ou projeto acadêmico.

Santaella (2001) ainda assegura que, por vezes, a indefinição inicial de um tema é um processo normal – e pode ser recorrente – em um projeto de pesquisa como a monografia ou o projeto experimental. Neste sentido, o mais importante é

que, com o passar do tempo, a investigação ganhe mais concretude, ou seja, o trabalho, independentemente dos obstáculos encontrados, avance nas discussões científicas e não fique estagnado.

5 PEGADAS ENCONTRADAS: os resultados das análises

5.1 Histórico e Experiência com a Pesquisa

A categoria 'histórico e experiência com a pesquisa' apropria-se da relação dos entrevistados com as investigações científicas, isto é, analisando a partir da participação em atividades acadêmicas, as percepções sobre a pesquisa e a importância dada para o âmbito. Nestes moldes, tecem-se reflexões a partir das perguntas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

As quatro primeiras questões trataram de compreender o envolvimento anterior dos estudantes com a pesquisa científica. Então, neste aspecto, consideram-se elementos como: componentes curriculares, projetos, bolsas e demais iniciativas voltados para a Pesquisa/Academia (visitar itens 3.3.1 e 3.3.2). Das questões 5 a 8, buscou-se obter as percepções dos discentes sobre a prática de pesquisa.

Inicialmente, questionou-se aos participantes quanto ao tipo de contato com a Pesquisa Científica ao longo da graduação, especialmente por meio de componentes curriculares obrigatórios. Desse modo, evidencia-se que essa experiência se deu em disciplinas como Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação e Pesquisa Aplicada em Relações Públicas. No entanto, esse contato é percebido como superficial, distante ou pouco significativo, especialmente quando comparado com as demandas complexas do Trabalho de Conclusão de Curso.

Alguns estudantes, como *Sonia* e *Manuel*, mencionam que o contato ocorreu, mas de forma muito básica e, muitas vezes, pouco assimilada no momento em que foi ofertado. *Sonia* relata que só conseguiu compreender melhor a prática da pesquisa durante a realização do TCC.

Há também um reconhecimento de que o momento cronológico da oferta dessas disciplinas pode ser inadequado e insuficiente. *Raquel* e *Nilda* destacam que as disciplinas de pesquisa são oferecidas no início da graduação, o que dificulta a retenção e a aplicação efetiva dos conhecimentos quando o estudante chega ao TCC. *Nilda* problematiza ainda mais essa questão ao refletir que o ensino remoto, especialmente durante a pandemia, prejudicou a qualidade do aprendizado.

Outro aspecto importante trazido por *Nilda* é a falta de clareza sobre o que se considera como pesquisa durante a formação. Ela aponta que diversas atividades

realizadas ao longo do curso poderiam ser reconhecidas como processos de pesquisa, mas essa percepção não é explicitada institucionalmente.

Zelizer também compartilha uma experiência de dificuldade com o ensino de metodologia de pesquisa, mencionando que precisou cursar o componente três vezes, em diferentes cursos, até conseguir compreender minimamente o conteúdo.

Já *Nancy* destaca que seu maior contato com a pesquisa científica ocorreu fora das disciplinas, por meio da experiência como bolsista, o que proporcionou uma vivência mais próxima da pesquisa aplicada. Ela critica que, embora as disciplinas abordam questões como formatação, não aprofundam aspectos importantes como as normas da ABNT que são exigidas no TCC.

Marialva e *Jesús* relatam experiências semelhantes: embora tenham tido contato com a Pesquisa Científica no início do curso, avaliam que esse contato foi insuficiente ou pouco significativo. *Marialva*, entretanto, teve uma participação mais ativa em um grupo de pesquisa, o que lhe proporcionou um envolvimento mais prático com temáticas de interesse.

Jesús também enfatiza que o único contato mais direto foi a elaboração de um pré-projeto, no contexto da disciplina, mas lamenta que essa vivência tenha ocorrido no ensino remoto. Por fim, *Isabel* e *Muniz* relatam que tiveram contato com as disciplinas obrigatórias de pesquisa, mas de maneira pouco marcante ou não aprofundada. *Isabel* chega a afirmar que não lembrava sequer do nome da disciplina.

Em síntese, as respostas revelam que, embora exista um currículo que inclui disciplinas de Pesquisa Científica, os estudantes percebem que há insuficiência na articulação entre teoria e prática, bem como fragilidades na forma como esses conteúdos são ofertados e reforçados ao longo da formação.

No momento seguinte, explora-se o envolvimento dos estudantes de Relações Públicas com os grupos de pesquisa. As respostas revelam que não foi uma prática predominante entre os estudantes. Entre os que não participaram, a principal barreira apontada foi a dificuldade de conciliar o envolvimento com outras atividades acadêmicas e profissionais.

Sonia, *Nilda*, *Jesús*, *Manuel* e *Muniz* não participaram de grupos de pesquisa. A razão foi a necessidade de trabalhar para se sustentar, o que comprometeu a possibilidade de participar de atividades que exigem disponibilidade regular, como reuniões e encontros presenciais. *Sonia*, por exemplo, expressou interesse pela

pesquisa, mas não conseguiu participar devido à incompatibilidade de horários e à modalidade presencial das atividades.

Nilda compartilha um sentimento semelhante: embora tenha se interessado, não conseguiu conciliar com o trabalho e acumulou horas complementares por meio de outras atividades. Ela ainda destaca um aspecto importante: a falta de orientação institucional sobre os grupos de pesquisa e o temor de não ser capaz de participar, uma vez que não possuía experiências prévias nesse campo. Esse relato evidencia como a ausência de informação e a percepção da pesquisa como algo inacessível afastam possíveis interessados.

Jesús e *Muniz* também exemplificam esse cenário, enfatizando que, devido ao trabalho e ao estágio, não foi possível priorizar a participação em grupos de pesquisa, embora ambos tivessem conhecimento sobre a existência dessas iniciativas. *Jesús* ainda reforça que nenhum dos projetos disponíveis dialogava diretamente com seus interesses, o que também desestimulou o envolvimento.

Por outro lado, alguns estudantes participaram de grupos de pesquisa, ainda que com motivações e experiências variadas. *Raquel*, por exemplo, se envolveu como voluntária em um grupo coordenado pelo professor Tiago, motivada pelo desejo de conhecer melhor o universo da pesquisa, já que sentia dificuldade com esse aspecto nas disciplinas regulares.

Zelizer relata uma experiência breve em um grupo de pesquisa. Sua motivação estava relacionada ao desejo de experimentar um lado diferente da universidade, especialmente no contexto de retorno às atividades presenciais após a pandemia. No entanto, reconhece que não se identificou com a linha de pesquisa do grupo, focada em inteligência artificial. O relato aponta para a importância de haver uma maior diversidade de linhas temáticas que contemplem os variados interesses dos estudantes.

Nancy também participou de um grupo de pesquisa, mas avalia que a experiência não foi marcante em termos acadêmicos, ainda que tenha contribuído para o aprendizado sobre relatórios e formatação. *Isabel* compartilha uma percepção semelhante: integrou o grupo coordenado pelo professor Tiago, e considera que a experiência foi positiva, embora tenha confirmado que a pesquisa não é sua área de interesse. Sua motivação foi conhecer o ambiente universitário além das salas de aula, destacando que a participação foi leve e interessante.

O caso de *Marialva* representa um exemplo de engajamento mais prolongado e aprofundado com a Pesquisa Científica. Ela participou como bolsista e seguiu como integrante ativa do grupo. Sua motivação nasceu do interesse prévio pela pesquisa, cultivado ainda no ensino médio, e foi reforçado pelo convite de colegas mais experientes que a apresentaram ao grupo. *Marialva* reconhece a experiência como positiva e formativa, indicando que o envolvimento com a pesquisa vai além de uma obrigação curricular e pode se constituir como uma trajetória acadêmica consolidada.

Desse modo, percebe-se que a participação em grupos de pesquisa é atravessada por interesse prévio em temáticas e o diálogo com docentes coordenadores de projetos. Por outro lado, a falta de procura está motivada pela falta de divulgação, percepção da pesquisa como um campo inacessível, a necessidade de trabalhar e o desinteresse nas temáticas ofertadas.

As respostas à terceira questão demonstram que a participação em projetos de extensão foi mais recorrente do que em grupos de pesquisa entre os estudantes entrevistados. De modo geral, a extensão aparece como um espaço mais prático, associado ao desenvolvimento de habilidades profissionais e à aproximação com a comunidade externa, mas ainda assim esbarra em desafios relacionados à falta de divulgação e à concorrência com outras demandas acadêmicas e pessoais.

Entre os que não participaram efetivamente, as razões são semelhantes às já apontadas nas respostas sobre a pesquisa: falta de tempo, dificuldade de conciliar com o trabalho e a percepção de que há pouca motivação institucional. *Sonia*, por exemplo, não participou de projetos de extensão formalmente, mas fez parte da AGERP, um projeto de ensino que considerou relevante para colocar em prática os aprendizados do curso.

Nilda não participou porque não se sentiu incentivada institucionalmente a isso, o que sugere uma necessidade de ações de divulgação das iniciativas. *Jesús* também não participou de modo efetivo, pois não se interessou muito, principalmente pela afinidade com o coordenador do projeto na época.

Zelizer relata que não conhecia outros projetos além da Mostra Audiovisual Experimental, e que, quando tomou conhecimento, já não tinha disposição ou interesse suficiente para participar, especialmente porque não se identificava com a temática.

Todavia, outros estudantes se envolveram ativamente com projetos de extensão e relataram experiências positivas. No caso de *Raquel*, que participou durante toda a graduação como bolsista e estagiária da Mostra Audiovisual Experimental, destaca que a experiência foi fundamental na trajetória acadêmica e profissional, moldando inclusive a temática do TCC.

Marialva também esteve envolvida com a Mostra Audiovisual Experimental. Seu envolvimento se deu a partir do contato com colegas que já participavam. Sua motivação foi a busca pelo conhecimento e identificação com áreas do curso, iniciando sua participação no terceiro semestre. *Nancy*, por sua vez, participou do mesmo projeto através do estágio obrigatório, destacando que a experiência contribuiu para o desenvolvimento de competências práticas, especialmente na gestão de redes sociais e relatórios.

Manuel também relata envolvimento com extensão, embora de maneira indireta, atuando como diretor de eventos na Atlética Gnomos do Pampa e do projeto Cena Queer, motivado pelo interesse nas temáticas de cada um.

Isabel traz um exemplo diferente, relatando sua atuação no NInA, um evento que buscava trazer crianças da comunidade para dentro da universidade. Embora não se trate de um projeto de extensão, a participação foi reconhecida como tal. *Muniz* menciona sua participação no Projeto Saúde Mental, que ocorreu de forma breve, repetindo a justificativa apresentada na questão anterior: dificuldade de conciliar estudo, trabalho e ações extracurriculares.

Em resumo, a análise evidencia que, embora haja exemplos de envolvimento com projetos de extensão, a participação depende fortemente de fatores como: tempo disponível; divulgação e conhecimento dos projetos; afinidade temática; encaminhamento via estágios obrigatório; e rede de contatos entre colegas e professores.

No que diz respeito à quarta questão das entrevistas, as respostas revelam que a maioria dos estudantes já teve algum tipo de experiência com publicação acadêmica, especialmente por meio da apresentação de resumos em eventos como o Salão de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) da UNIPAMPA. A motivação principal que impulsionou a publicar foi, em geral, uma vinculação a bolsas e projetos de extensão ou pesquisa, que muitas vezes torna a submissão obrigatória. Mesmo com a obrigatoriedade em alguns casos, muitos relatos mostram

que a experiência foi positiva, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades em escrita acadêmica, formatação e divulgação científica.

Entre os estudantes que não publicaram, as justificativas giram em torno da falta de confiança e da sensação de que seus trabalhos não eram “bons o suficiente”, como expressa *Sonia*: “Não achava que eu era boa o suficiente ou que o trabalho era bom o suficiente para mandar”. Essa fala aparece também em *Manuel*, que afirma que não sentiu confiança nem relevância nos trabalhos que desenvolveu até então. *Muniz* também não chegou a publicar como autor principal, mencionando a falta de tempo como um entrave para esse tipo de produção.

Entre os que publicaram, há experiências diversas. *Raquel*, por exemplo, participou do SIEPE por dois anos consecutivos como bolsista da Mostra Audiovisual e publicou também no SEURS de 2022. Destaca que, embora a participação tenha começado por obrigação da bolsa, havia também uma motivação pessoal de divulgar o projeto, mostrando a importância da Mostra, do cinema e da universidade para um público mais amplo.

Zelizer segue uma lógica semelhante: publicou resumos em eventos vinculados à sua atuação como bolsista da AGERP e da CESB. Embora a participação tenha sido também obrigatória, ela reconhece a importância de divulgar os resultados dos projetos.

Isabel, *Nancy* e *Marialva* também publicaram principalmente por estarem vinculadas a bolsas ou a projetos de extensão/pesquisa, mas relatam que a experiência serviu para desenvolver competências importantes. *Isabel* publicou no SIEPE como parte das obrigações da bolsa, mas valorizou o contato com a escrita e com o ambiente de divulgação acadêmica. *Nancy* teve duas experiências marcantes: uma inicial, em que sentiu dificuldade por falta de orientação e conhecimento sobre normas; e outra mais madura, já com maior apoio docente e domínio das normas da ABNT.

Marialva, embora tenha publicado resumos e resumos expandidos ao longo da graduação, destaca que sentiu dificuldades iniciais com a escrita, especialmente em função dos componentes curriculares de introdução à pesquisa.

Jesús teve uma experiência mais tranquila com a publicação, devido à sua formação técnica anterior no IFFar, onde já havia tido contato com pesquisa, ABNT e TCC. Isso facilitou sua atuação no SIEPE de 2021 e 2022, com publicações de trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

Nilda também submeteu trabalhos ao SIEPE, com origem em atividades realizadas em componentes curriculares, como: Gestão de Eventos e Cerimonial e Protocolo; Audiovisual Institucional; e Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade. Tal relato indica que há uma produção de conteúdo relevante nas disciplinas, que muitas vezes pode ser convertida em publicação com apoio ou incentivo docente.

Em síntese, a vinculação a bolsas, atividades disciplinares e projetos contribuem para a publicação de trabalhos. Por outro lado, a falta de confiança sobre a qualidade dos trabalhos, o tempo escasso e a falta de orientação metodológica surgem como dificuldades recorrentes dos estudantes.

Na quinta questão, questionou-se acerca da avaliação dos estudantes sobre a importância das práticas de Pesquisa Científica durante o curso para a formação. Para a maioria dos participantes, a prática é considerada fundamental para o desenvolvimento de competências como a escrita, o pensamento crítico, a capacidade de análise e o domínio teórico-metodológico – especialmente diante dos desafios enfrentados no TCC.

A percepção de que a pesquisa é essencial se fortalece nos relatos de estudantes como *Raquel*, que considera a prática da pesquisa científica “gigantesca” e indispensável, destacando a necessidade de saber escrever e pesquisar ao final do curso. *Manuel* também reforça essa ideia, ao apontar que a pesquisa foi especialmente relevante no final da graduação, ainda que reconheça não ter se aprofundado nela durante os semestres anteriores.

Corroborando com a percepção dos entrevistados, Ferreira Neto (2019) insere que as atividades do âmbito da pesquisa possuem a capacidade de complementar a trajetória acadêmica, assim, não podendo ficar limitada ao tempo de sala de aula. Além disso, o autor menciona que a Iniciação Científica pode ser uma das saídas possíveis para que os estudantes tenham contato com as práticas de investigação.

Vários participantes mencionam lacunas sobre a pesquisa durante a formação. *Zelizer*, por exemplo, avalia a abordagem dessa instância no curso de Relações Públicas, considerando-a deficitária, especialmente por ter ocorrido durante o período da pandemia. Segundo ela, o domínio sobre metodologia se deu por meio de uma disciplina cursada em outro curso, o que evidencia falhas na formação interna. *Jesús* compartilhou percepção semelhante, apontando que, embora tenham existido disciplinas como Métodos e Técnicas de Pesquisa em

Comunicação, a prática não foi constante nem aprofundada. Ele sugere que a formação em pesquisa deveria ser mais distribuída ao longo do curso.

A escassez de práticas científicas também é percebida por *Marialva* e *Nancy*, que relatam poucas experiências efetivas no currículo. *Nancy* afirma que a cobrança por produção científica só se intensifica no último ano da graduação. Já *Marialva* considera a abordagem da pesquisa no curso insuficiente, ainda que reconheça sua importância como alta e necessária.

Além destes pontos, surgem elementos que dificultam a aproximação dos estudantes com a pesquisa. *Sônia* relata que não conseguiu participar de muitas práticas e sente que isso comprometeu sua experiência no curso. *Muniz* relata que, devido à necessidade de trabalhar, não conseguiu participar de projetos, o que limitou sua visão sobre a área acadêmica. *Nilda*, por sua vez, aponta que a ausência de familiaridade com a pesquisa decorre, em parte, de uma educação básica deficitária. Para ela, o desconhecimento sobre metodologia e estrutura científica tornou o processo do TCC ainda mais difícil, exigindo que aprendesse conceitos durante a Monografia.

Esses relatos sugerem que muitos estudantes chegam ao ensino superior com pouca ou nenhuma base sobre o que é pesquisa científica. Durante a formação, grande parte dos discentes acabam não compreendendo a pesquisa como um processo significativo para a trajetória.

Apesar disso, há sugestões entre os entrevistados. *Isabel*, por exemplo, defende a importância de experimentar grupos de pesquisa e conhecer temáticas variadas, destacando que esse contato é fundamental para ampliar os horizontes profissionais e acadêmicos. Em linha semelhante, alguns entrevistados sugerem, ainda que implicitamente, que a pesquisa deveria estar mais presente desde os primeiros semestres.

A questão revelou que, embora a pesquisa tenha a importância reconhecida pelos estudantes, ainda não ocupa o espaço necessário na formação dos estudantes de Relações Públicas. Assim, recomendou-se repensar práticas e valorizar a pesquisa desde o início da graduação, conectadas às realidades dos estudantes.

Em contrapartida às sugestões dos entrevistados, com relação à reformulação das práticas de pesquisa, observa-se conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Relações Públicas de 2023 (Universidade Federal do Pampa, 2023b),

que houve o acréscimo de um componente curricular de Introdução à Pesquisa Científica no segundo semestre da graduação. Por outro lado, a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação foi realocada para o sexto semestre. Entende-se que tais alterações devem ser avaliadas pelo corpo docente, para assim, observar se haverá um impacto positivo na performance dos graduandos e das pesquisas.

Em direção às críticas dos entrevistados, Fontes e Poletto (2018) pontuam que as práticas de investigação e escrita acadêmica devem ser introduzidas na grade desde o início do curso, para que assim, os discentes não tenham grandes dificuldades no momento do desenvolvimento do TCC.

Com relação às percepções sobre as práticas de pesquisa científica ofertadas extraclasse, os entrevistados revelam pontos como baixa divulgação e falta de integração com a rotina dos estudantes. Apesar de reconhecerem a importância dessas atividades, alguns participantes indicam que as oportunidades são escassas, com pouca visibilidade e pouco compatíveis com os horários e realidades dos discentes, especialmente em um curso noturno como o de Relações Públicas da UNIPAMPA.

Raquel considera que há uma escassez significativa de projetos e oficinas voltadas à pesquisa, como aquelas voltadas à estrutura de trabalhos acadêmicos e escrita científica. *Marialva* compartilha uma visão semelhante, dizendo que existem poucas iniciativas, e que seria necessário ampliar tanto a oferta quanto a divulgação.

A questão da divulgação aparece com frequência nos relatos. *Zelizer* relata que, mesmo ao buscar iniciativas, não teve retorno efetivo: alguns docentes não estavam vinculados a grupos de pesquisa, e outros desenvolviam seus projetos fora da universidade. A ausência de informações claras dificultou seu envolvimento. *Jesús* reforça essa dificuldade, destacando que muitos projetos sequer chegaram ao seu conhecimento. *Isabel* também não teve acesso a informações sobre outras iniciativas além daquela que participou.

O fator tempo e compatibilidade de horários também surge como um obstáculo recorrente. *Sonia*, por exemplo, destaca que muitos projetos são oferecidos em horários como 15h – incompatíveis com quem trabalha. Para ela, a solução poderia ser a oferta de projetos com atividades remotas ou flexíveis, possibilitando a participação em formato online. *Nilda* compartilha essa mesma

preocupação ao pontuar que, por ser um curso noturno, a maioria dos estudantes trabalha durante o dia, o que dificulta a adesão a práticas de pesquisa. Ela sugere que os docentes deveriam apresentar melhor os grupos e incentivar a participação, levando em conta essa conciliação entre vida acadêmica e profissional.

Nancy apresenta uma visão mais positiva, afirmando que as práticas extraclasse são bem divulgadas e úteis, especialmente oficinas como as de escrita e organização do currículo. Ela considera que essas iniciativas são importantes preparativos para o TCC. *Manuel*, apesar de não ter se envolvido diretamente, reconhece as oportunidades como válidas e positivas, com base no que observa em colegas que participaram.

Outros estudantes defendem uma integração maior entre as práticas extraclasse e os componentes curriculares. *Muniz* propõe que as práticas de pesquisa sejam inseridas nas disciplinas, já que fora de sala de aula muitas vezes não despertam o mesmo interesse ou acesso. Para ele, a condução dos projetos deveria partir dos professores e ser incorporada como parte da experiência acadêmica regular. *Nilda* também reforça essa ideia ao sugerir que os próprios docentes integrem as práticas de pesquisa aos componentes curriculares, o que poderia ampliar o acesso e promover maior engajamento.

Por fim, a questão do interesse dos estudantes também é mencionada como uma variável importante. *Jesús* pontua que, mesmo com as dificuldades estruturais, o envolvimento ainda depende da vontade do discente, que precisa identificar uma afinidade temática e disponibilidade para participar.

De maneira resumida, nesta questão, os relatos indicam que, apesar de reconhecer a importância da pesquisa extraclasse, o alcance é limitado em função da visibilidade, compatibilidade de horários e estrutura curricular. Para tornar essas práticas mais efetivas, os participantes sugerem a ampliação da divulgação, flexibilização dos formatos e horários e a integração das atividades de pesquisa científica ao espaço de sala de aula.

Ao questionar a avaliação dos estudantes sobre o incentivo à pesquisa científica dentro da sala de aula, revela-se um cenário contraditório: embora existam docentes que promovem ou mencionam a importância da prática, a efetividade desse incentivo é percebida como frágil, esporádica e, muitas vezes, dependente da postura individual do professor ou da iniciativa do próprio discente.

Alguns estudantes identificam um incentivo teórico, porém pouco prático. *Manuel*, por exemplo, reconhece que há um estímulo ao pensamento crítico por parte dos docentes, mas observa a ausência de práticas concretas que envolvam a pesquisa. *Raquel* também nota que há uma cobrança por pesquisa científica dentro de sala, porém acredita que a forma como isso é apresentado – principalmente nos primeiros semestres – é inadequada. Conforme ela, seria necessário um ensino mais introdutório no início e uma abordagem mais rigorosa e estruturada ao longo da graduação, o que atualmente não ocorre.

Outros estudantes percebem pouco ou nenhum incentivo à pesquisa nas aulas. *Jesús* avalia que o incentivo é muito baixo e que, embora os professores apresentem possibilidades no início do curso, falta engajamento real em convidar e mobilizar os alunos para projetos. Ele destaca que os docentes falam sobre as horas complementares, mas não explicam os projetos ou como participar de maneira efetiva. *Marialva* compartilhou percepção semelhante: poucos professores incentivam de forma significativa, ficando restrito a menções superficiais à citação ou à pesquisa, sem aprofundamento.

Zelizer e *Nilda* também expressam frustração com a falta de estímulo. Para *Zelizer*, o incentivo só aparece mais claramente próximo ao TCC e mesmo professores envolvidos com pesquisa falam pouco sobre seus projetos em aula. *Nilda*, por sua vez, relata que seu interesse pela pesquisa surgiu a partir de informações que obteve fora da universidade, e que, mesmo quando buscou participar, não encontrou acolhimento. Ela lamenta a ausência de um discurso que legitime a participação estudantil na pesquisa desde o início da formação, reforçando que muitas vezes a ideia de produção científica ainda está restrita às grandes corporações, e não ao ambiente universitário.

A falta de uma “cultura” de incentivo também é apontada por *Isabel*, que afirma que há pouco estímulo à pesquisa para além das áreas de interesse dos professores. O incentivo a se integrar nas iniciativas, segundo ela, é praticamente inexistente. *Nancy*, por sua vez, observa que o incentivo à pesquisa científica varia muito de professor para professor e que não há uma cobrança padronizada quanto às normas técnicas, o que enfraquece a prática da escrita, por exemplo.

Por outro lado, *Sônia* considera que os professores estão sempre dispostos a apoiar atividades extracurriculares, como seminários e pesquisas extras, embora ela reconheça que há dificuldades no acesso aos projetos em função dos horários e da

disponibilidade. *Muniz* sugere que os professores trabalhem com as linhas de pesquisa dentro dos componentes curriculares também, o que, segundo ele, geraria maior engajamento e acesso à pesquisa científica por mais estudantes.

De maneira resumida, o incentivo à pesquisa científica dentro de sala de aula é visto como insuficiente, desigual e pouco estruturado, muitas vezes concentrado a momentos específicos da graduação, como o TCC. Os estudantes sentem falta de uma abordagem mais constante, acessível e integrada ao currículo, que seja promovida institucionalmente e com clareza desde os primeiros semestres.

Com relação à oitava questão, os estudantes apontam que o incentivo à pesquisa científica extraclasse existe, mas é marcado por falhas na comunicação e no engajamento institucional. *Raquel* destaca que, embora haja eventos e uma cobrança por participação, falta um suporte prático para orientar como participar efetivamente dessas atividades. A sensação de cobrança sem acompanhamento é um elemento recorrente em outras falas também. *Nilda* reforça esse ponto ao afirmar que, apesar de considerar que há uma responsabilidade dos estudantes em buscar oportunidades, não sente um estímulo claro nem dos professores nem da coordenação. Ela aponta, inclusive, uma contradição significativa: sendo o campus majoritariamente da área da Comunicação, haveria uma expectativa maior de uma comunicação interna mais eficaz, o que, segundo ela, não se concretiza.

A falta de comunicação e visibilidade dos projetos também é mencionada por *Zelizer*, que considera o incentivo extraclasse “baixo, bem baixo”. Ela nota que há pouca divulgação dos projetos e que a organização da universidade não promove o suficiente a participação dos estudantes em eventos externos, como congressos ou seminários. *Manuel* acrescenta que o benefício da pesquisa extraclasse para o estudante é evidente, mas que a divulgação é escassa e muitas vezes restrita a menções pontuais. Para ele, falta aos professores uma postura mais proativa e envolvente para atrair a participação dos discentes.

A percepção de que o incentivo depende muito do perfil do professor também aparece nas falas de *Nancy* e *Jesús*. *Nancy* relata que teve experiências positivas com docentes que incentivaram sua participação, inclusive levando-a a cursar disciplinas do mestrado em regime especial. Contudo, observa que essa prática não é generalizada e que outros professores sequer mencionaram possibilidades nesse campo. *Jesús* segue na mesma linha: embora editais e bolsas sejam divulgados

formalmente, como via e-mail, ele sente que falta um engajamento constante e ativo por parte dos docentes.

Outros depoimentos reforçam a limitação da divulgação ao envolvimento com a pesquisa científica fora da sala de aula. *Isabel*, por exemplo, relata que participou de um projeto apenas por curiosidade e que não teve contato com outros projetos além daquele professor que ofereceu uma bolsa. Ela questiona se o baixo envolvimento se deve ao desinteresse próprio por esse campo, ou então, a falta de visibilidade das iniciativas disponíveis. *Muniz* também avalia negativamente o incentivo extraclasse.

Por outro lado, há o caso de *Marialva* e *Sonia*, que mostram percepções distintas aos entrevistados anteriores. *Marialva* compartilha uma experiência pessoal positiva, dizendo que sua vivência com a pesquisa extraclasse foi boa. *Sonia* considera que há um bom incentivo e menciona que os alunos recebem e-mails sobre atividades relacionadas à pesquisa.

De maneira geral, os estudantes apontam que há uma estrutura de incentivo existente – via editais, e-mails e bolsas –, mas que essa estrutura não se traduz em acesso efetivo à pesquisa científica extraclasse. A ausência de um diálogo constante, o baixo envolvimento docente e a fragilidade na comunicação institucional criam barreiras que limitam a participação estudantil.

5.2 Escolha do Formato e Tema do TCC

Na segunda categoria de análise, reflete-se acerca da motivação para a escolha do formato do TCC (monografia ou projeto experimental) e como foi o processo de definição do tema de estudo. As reflexões são feitas a partir das questões 9, 10 e 11.

A questão 9 trata da escolha do formato do Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, entende-se que a preferência está relacionada ao perfil, interesses e percepções individuais dos estudantes sobre o processo e os desafios de cada modalidade. Dos participantes que escolheram o **Projeto Experimental**, destaca-se o entendimento de que esse formato proporciona maior identificação com a prática profissional e permite uma abordagem mais aplicada.

Sonia, por exemplo, optou pelo Projeto Experimental por se identificar com esse formato, ressaltando, ainda, seu interesse em trabalhar com a temática do

Tradicionalismo voltado para o público infantil, um tema que, segundo ela, se encaixa melhor nessa modalidade. *Raquel* também escolheu a modalidade por afinidade, apontando, ainda, que desde o início do componente curricular de TCC tinha o desejo de desenvolver um evento, o que reforça o caráter prático do formato.

Zelizer reforça esse aspecto ao destacar que a escolha se deu por ser um formato mais prático, que une a pesquisa ao cotidiano e se conecta diretamente com seu perfil e aspirações profissionais. *Marialva* também optou pelo Projeto Experimental, motivada pela possibilidade de desenvolver algo com aplicação prática, não apenas pesquisa. Ela ressalta, ainda, que não possui resistência à Monografia, mas buscou uma experiência mais voltada à prática.

Muniz, por sua vez, escolheu o Projeto Experimental alinhado ao seu perfil profissional, mencionando que gosta de desenvolver atividades práticas e que não conseguiria obter o mesmo aprendizado em uma Monografia. Além disso, relata que teve dificuldades na escrita do TCC 1, o que também influenciou a escolha pelo formato que julgou mais adequado às suas competências.

Em contrapartida, alguns estudantes optaram pela Monografia, muitas vezes motivados por preferências pessoais ou por percepções acerca das exigências do Projeto Experimental. *Nilda* escolheu a Monografia e reflete que os estudantes geralmente acreditam que o Projeto Experimental geralmente exige menos escrita, quando, na verdade, considera que ele demanda o dobro de esforço. Ela sugere ainda que o segundo modelo poderia ser mais flexível, permitindo ao estudante demonstrar o domínio teórico sem, necessariamente, enfrentar um processo tão rigoroso, especialmente para aqueles que têm mais dificuldade em assimilar conteúdos.

Jesús escolheu a Monografia, justificando que o Projeto Experimental, por ser mais prático, não o atraiu. *Isabel* também preferiu o formato, pois sua intenção era realizar uma pesquisa sobre um tema de interesse, sem gerar necessariamente um produto prático.

Manuel, que também optou pela Monografia, não soube justificar sua escolha, não tendo levado em conta sua identificação com o formato. *Nancy*, por sua vez, descarta inicialmente a possibilidade do Projeto Experimental por acreditar que só poderia ser realizado em dupla; após escolher a Monografia, descobriu que também poderia ter feito o projeto de forma individual, evidenciando uma lacuna na orientação ou comunicação sobre os formatos disponíveis.

Neste caminho, percebe-se que a escolha pelo formato do TCC esteve, majoritariamente, relacionada à identificação com a natureza do trabalho – mais teórica ou mais prática –, ao perfil profissional desejado, às facilidades e dificuldades percebidas, bem como às informações sobre os requisitos de cada modalidade.

No que diz respeito à escolha dos temas dos Trabalhos de Conclusão de Curso, os entrevistados revelam um processo conectado às experiências acadêmicas, interesses pessoais, afinidades e trajetórias prévias dos estudantes. Através dos relatos, percebe-se que os estudantes buscaram unir vivências anteriores, seja em disciplinas, projetos de extensão ou experiências pessoais, ao desenvolvimento do TCC.

Sonia escolheu trabalhar com questões relacionadas ao Tradicionalismo, Cultura e Integração, uma escolha motivada tanto por uma experiência acadêmica anterior – um spot para o público infantil desenvolvido em um componente do quarto semestre – quanto por um envolvimento pessoal, já que participa do movimento tradicionalista desde a infância. Assim, evidencia-se como a identidade cultural e as vivências fora do ambiente acadêmico influenciaram a definição do tema.

Nilda, por sua vez, optou por aliar política e entretenimento a partir da análise da figura de Erika Hilton e a sua estética inspirada em divas pop. Ainda que tenha demorado um tempo para definir o tema, relata sempre ter tido interesse por questões ligadas aos dois conceitos, demonstrando uma busca por aprofundar uma inquietação pessoal no espaço acadêmico.

Zelizer escolheu discutir a temática da “K-diversão cultural”, especificamente a prática de oficinas culturais na escola, inserindo a perspectiva das Relações Públicas e da Produção Cultural. A escolha está vinculada à sua afinidade com a cultura coreana, tema com o qual já havia trabalhado, organizando eventos e promovendo ações culturais.

Manuel desenvolveu um TCC que explorou questões como Corporalidade, Educação Midiática, Treinamento Midiático, Assessoria de Comunicação e a figura de RuPaul. O relato detalha interesses pessoais com a temática. *Nancy* optou por abordar questões relacionadas à Análise de Discurso, Barbie e Apropriação de Imagem. Sua motivação origina da afinidade pessoal com o universo do filme, especialmente pela capacidade de atingir públicos distintos – infantil e adulto –, o que suscitou sua reflexão sobre os múltiplos significados atribuídos ao mesmo

produto midiático. A escolha, portanto, parte de um interesse pessoal, mas é ampliada para uma reflexão acadêmica.

Marialva estruturou seu Projeto Experimental a partir da articulação entre Estratégias de Relacionamento, Inteligência Artificial e Redes Sociais. A escolha foi motivada por sua participação em um grupo de pesquisa voltado para Inteligência Artificial, assim como pelo conteúdo explorado na disciplina de Estratégias de Relacionamento com os Públicos, evidenciando uma convergência entre formação acadêmica, investigação científica e interesses temáticos.

De forma semelhante, *Raquel*, embora nunca tenha explorado diretamente a temática “Eventos como estratégia de relacionamento com o público: mudanças climáticas e conscientização da comunidade”, utilizou sua experiência na Mostra Audiovisual Experimental, voltada para a comunidade escolar, como inspiração. Sua motivação residiu no desejo de proporcionar experiências educativas às crianças para além do espaço formal da sala de aula, mostrando que as práticas extensionistas também são elementos importantes na escolha do tema.

Jesús escolheu trabalhar com a conexão entre Relações Públicas, Storytelling Midiático e a figura de Luisa Sonza. A decisão foi influenciada pela participação em um componente curricular que explorava o conceito de Storytelling, bem como pelo contato com um professor que abordava essa linha de pesquisa.

Isabel optou por abordar a temática da “Ética no compartilhamento de imagens no âmbito digital”, com foco em como as Relações Públicas podem atuar nesse debate. A ideia surgiu a partir de uma experiência anterior no componente de Comunicação e Política, onde elaborou um artigo sobre a ética no compartilhamento de figurinhas no WhatsApp. Na monografia ampliou a análise para um contexto mais abrangente, envolvendo toda a internet.

Por fim, *Muniz* escolheu trabalhar com “Relacionamentos Digitais nas Redes Sociais do SENAC”, motivado tanto pela familiaridade com o tema quanto pelo fato de já atuar no espaço que foi objeto de estudo. Já havia trabalhado com esse universo anteriormente, o que facilitou a escolha e reforçou o vínculo entre experiência profissional e pesquisa acadêmica.

Em resumo, a escolha dos temas do TCC entre os estudantes analisados foi marcada por três principais pontos: experiências acadêmicas prévias (disciplinas, projetos de extensão e grupos de pesquisa), interesses pessoais e vivências profissionais. Muitos deles partiram de afinidades já consolidadas, buscando

aprofundá-las sob uma perspectiva mais teórica ou aplicada, o que evidencia a importância das trajetórias individuais na constituição no percurso formativo. Além disso, as escolhas também demonstram uma valorização crescente de temas contemporâneos e interdisciplinares, que articulam cultura pop, política, tecnologia, comunicação e inteligência artificial.

Os resultados obtidos nessa questão vão de encontro com a fala de Santaella (2001), da qual pontua que o tema de uma investigação está intimamente conectado ao cotidiano dos estudantes de graduação, isto é, inserindo experiências pessoais, profissionais, de curiosidades específicas ou de descobertas feitas em componentes curriculares ou projetos acadêmicos.

Com relação à questão 11, a maioria dos entrevistados reconhece que o curso proporcionou um leque diversificado de temáticas e abordagens para o desenvolvimento do TCC. Esse aspecto revela uma percepção amplamente positiva sobre a formação recebida.

Sonia avalia positivamente, mencionando que considerou trabalhar com diferentes tipos de temáticas. *Raquel* que também passou por essa sensação, considera a diversidade de assuntos uma das principais qualidades do curso. *Muniz* percebe a diversidade promovida principalmente nos componentes curriculares, que apresentam aos estudantes as diferentes áreas das Relações Públicas

Manuel avalia que a diversidade de temáticas disponíveis é perceptível pela variedade presente nos TCCs dos colegas, que abordam diferentes teorias e práticas. *Nancy* reforça ao afirmar que percebeu diferentes vertentes possíveis para o TCC, sinalizando que o curso apresentou possibilidades para o desenvolvimento dos trabalhos, seja do ponto de vista teórico, metodológico ou temático.

Marialva também acredita que o curso oferece diversas possibilidades, inclusive mencionando que sua escolha de tema foi influenciada pela exposição a conteúdos e debates em um componente curricular. *Isabel* percebe ainda que a diversidade de temáticas se evidencia nos projetos existentes, como a Mostra Audiovisual Experimental e a Agência de Relações Públicas e na linha de atuação em diferentes linhas do corpo docente.

Jesús afirma que a diversidade depende do professor e da administração dos componentes curriculares. Para ele, há docentes que buscam inovar nas abordagens, mas também existem aqueles que permanecem na “mesmice”. *Zelizer*

não sabe responder com propriedade, pois desde o início já tinha uma ideia clara sobre o tema que gostaria de trabalhar.

Por outro lado, *Nilda* apresenta uma visão mais crítica, expressando que não percebe as áreas tão diversificadas. Essa percepção sugere que, embora o curso possa ter oferecido múltiplas temáticas, talvez não tenha conseguido transmitir, para ela, a amplitude ou o aprofundamento esperado em diferentes áreas do campo.

Os entrevistados, majoritariamente, revelam uma percepção positiva sobre a diversidade de temáticas e abordagens durante a graduação, servindo de inspiração para o desenvolvimento dos TCCs. Entretanto, há estudantes que apontam limitações, especialmente a essa diversidade por parte de alguns docentes. Assim, percebe-se que a pluralidade de temas e métodos é uma característica do curso.

Tal pluralidade de temas e métodos, não só é uma característica do curso de Relações Públicas, assim como é do campo da Comunicação. Conforme Martino (2011), esta área possui um caráter interdisciplinar e multidisciplinar, ou seja, dialoga com outros espaços de conhecimento, assim como, visita diferentes práticas mercadológicas e acadêmicas. Esse elemento reflete nos trabalhos dos entrevistados, assim, sendo possível identificar através do cruzamento com assuntos como Saúde, Cultura, Música, Cinema, Inteligência Artificial, Corporalidade, Clima, Política, Entretenimento, etc.

5.3 Dificuldades no Desenvolvimento do TCC

Nesta categoria, objetiva-se localizar as dificuldades encontradas no desenvolvimento do TCC. Deste modo, consideram-se elementos como questões metodológicas, burocráticas, de formatação e também, referentes à gestão de tempo e organização.

Na décima segunda questão, os entrevistados responderam acerca das principais dificuldades enfrentadas no início do desenvolvimento do TCC. Assim, é possível notar que as dificuldades mais recorrentes foram: definição e delimitação do tema; e encontro de referenciais teóricos para os objetos de estudos.

Sonia relatou que, embora já soubesse que gostaria de trabalhar com o Movimento Tradicionalista, teve dificuldades em encontrar referenciais teóricos para o assunto. *Marialva* e *Manuel* também ressaltam esse fator como obstáculo, entendendo a importância de sustentar teoricamente as temáticas de estudo.

Raquel enfrentou dificuldades para a definição do tema sobre Mudanças Climáticas, por outro lado, sempre soube que gostaria de realizar um evento. Neste caminho ainda encontrou problemas no encontro de textos relacionados a sua temática. *Nancy*, por sua vez, acabou seguindo a sugestão de tema da orientadora para trabalhar na Monografia. Ainda destacou que o componente curricular que aborda a estrutura do trabalho foi oferecido de maneira remota e no início do curso, o que prejudicou a assimilação do conteúdo.

Zelizer encontrou a delimitação do tema como um obstáculo, apontando que desejava abordar muitos aspectos e teve que restringir o escopo. Além disso, identificou limitações em relação à Pesquisa Bibliográfica, reconhecendo que, caso tivesse participado de projetos de pesquisa, esse momento inicial poderia ter sido mais tranquilo.

Jesús também menciona dificuldades relacionadas à delimitação do tema e na busca por trabalhos que tratassem de forma semelhante a sua abordagem. Contudo, destacou segurança com a habilidade da escrita científica. *Isabel* aponta ainda que a escolha do objeto de pesquisa é um momento decisivo e acaba definindo o caminho que será trilhado ao longo de todo o processo.

Por outro lado, *Muniz* traz uma perspectiva diferente dos outros entrevistados: a dificuldade esteve relacionada à parte metodológica, considerando-a “massante”. O entrevistado afirma não compreender a necessidade da revisão teórica. Além disso, teve dificuldade na definição do tema, mas entendeu que esse é um dos desafios mais comuns no início do desenvolvimento do TCC.

Por fim, *Nilda* ressalta que teve dificuldades em diversos momentos: desde a escolha do tema até a elaboração da estrutura do trabalho. Reconhece ainda que não conseguiu aproveitar os componentes curriculares que poderiam ter auxiliado nesse processo e, em função disso, precisou que o orientador “desenhasse” toda a estrutura do trabalho.

Em linhas gerais, percebe-se que o início do TCC é uma etapa marcada por dificuldades na definição e delimitação do tema, mas também, carências metodológicas, como o encontro de referenciais teóricos adequados e suficientes para discutir os assuntos e também a falta de familiaridade com as metodologias científicas. Neste percurso, ainda encontram-se sugestões sobre a importância de fortalecer, ao longo do curso, os componentes que tratam sobre a Pesquisa Científica.

A partir das falas dos entrevistados, repercute-se a explicação de Del Carratore (2009), em que o TCC representa o primeiro contato de grande parte dos estudantes de graduação com a Pesquisa Científica, sendo fator causador de inseguranças ao longo do processo de escrita e desenvolvimento do trabalho.

Em seguida, os estudantes são questionados sobre os principais desafios na construção da Monografia ou Projeto Experimental. Como resultado, estes estiveram associados a questões práticas na execução dos projetos, dificuldades na escrita acadêmica, aspectos metodológicos e limitações na infraestrutura e nos recursos utilizados.

Entre os estudantes que optaram pela Monografia, as dificuldades mais recorrentes estão relacionadas à escrita acadêmica e metodológica. *Nilda* identificou que a procrastinação foi um dos principais obstáculos enfrentados, além de relatar insegurança com a qualidade de sua redação.

Manuel também apontou a escrita do TCC como seu maior desafio. *Nancy* destacou os aspectos técnicos: a revisão das normas da ABNT na monografia. *Isabel* encontrou dificuldades relacionadas à escassez de trabalhos acadêmicos sobre a sua temática, o que dificultou a construção do referencial teórico, não localizando TCCs que abordassem a mesma problemática.

Jesús, por fim, enfrentou dificuldades no âmbito metodológico, especialmente no momento de tabular os dados coletados em seu questionário. Ele avalia que o componente de Pesquisa Aplicada em Relações Públicas poderia ter oferecido uma abordagem mais aprofundada sobre esse processo metodológico, o que facilitaria essa etapa.

Por outro lado, os estudantes que trabalharam com o Projeto Experimental, enfrentaram, majoritariamente, desafios ligados à execução das ações planejadas. *Sonia*, por exemplo, enfrentou adversidades na realização das atividades em escolas, que foram agravadas por problemas de comunicação com o proprietário do perfil do Instagram que fazia parte do objeto de estudo do seu projeto. Esses obstáculos impactaram a possibilidade de publicar conteúdos, analisar e mensurar métricas, elementos essenciais para o desenvolvimento da proposta.

De modo semelhante, *Raquel* relata que, como em todo evento, surgem diversos imprevistos. Neste caso, destacou a comunicação dificultosa com a escola, que exigiu adaptações e ajustes no projeto, em função da falta de comprometimento

da instituição parceira. Além disso, teve problemas com a ação central da produção: o Cinema Inflável estava estragado, necessitando a reformulação da proposta.

Zelizer também sofreu com o estrago do Cinema Inflável, comprometendo parte de sua execução. No entanto, aponta que o maior desafio foi relacionar a teoria com a prática, especialmente no momento de embasar teoricamente as ações que desenvolveu.

Marialva relata que o desafio maior foi o desenvolvimento e a utilização de tecnologias, em especial as relacionadas à Inteligência Artificial, com as quais não tinha familiaridade suficiente. *Muniz*, por fim, relata dificuldades metodológicas, além de desafios na escrita do TCC, destacando novamente como esses aspectos são comuns entre os estudantes que desenvolvem o trabalho.

De modo geral, os principais desafios relatados pelos estudantes apontam para um cenário no qual, para quem realiza o Projeto Experimental, predominam dificuldades relacionadas à execução prática e operacionalização das ações propostas, além de problemas de articulação teórica. Já entre os que optaram pela Monografia, os desafios mais recorrentes dizem respeito à escrita acadêmica, ao domínio das normas técnicas e à construção metodológica. A análise, assim, evidencia a necessidade de fortalecer os componentes curriculares que tratam de metodologia científica, escrita acadêmica e gestão de projetos.

Na questão 19, busca-se conselhos para futuros estudantes que irão desenvolver o TCC. Desse modo, é possível perceber que os relatos direcionam para aspectos voltados à antecipação e planejamento, à participação em atividades extracurriculares, à afinidade com o tema e o orientador, e à preparação metodológica e acadêmica.

A maioria dos entrevistados enfatiza a importância do planejamento prévio, especialmente no que se refere à escolha do tema e à definição do orientador. *Sonia* aconselha que os futuros discentes definam a temática com antecedência e busquem participar de atividades extracurriculares, como palestras, grupos de pesquisa e outras ações que contribuam para a formação e o amadurecimento acadêmico. Essa orientação é compartilhada por *Marialva*, que também recomenda que os estudantes pesquisem mais sobre os diferentes formatos de TCC e escolham aquele com o qual tenham maior identificação.

Nilda reforça essa perspectiva ao aconselhar que os discentes se planejem desde cedo, pensando não apenas no tema, mas também avaliando se a linha de pesquisa pretendida está alinhada à do orientador escolhido.

O aspecto da afinidade aparece em outros relatos também, como o de *Manuel* e *Jesús*. *Manuel* sugere que os estudantes escolham temas com os quais tenham familiaridade, mas adverte que seja algo que não provoque desinteresse ou cansaço ao longo do processo. *Jesús* complementa essa visão ao reforçar a necessidade de trabalhar com temas e professores que tenham afinidade, como forma de tornar o percurso mais fluido e motivador.

A participação em atividades extracurriculares é outro ponto recomendado. *Sonia* e *Nancy* destacam que esse tipo de envolvimento contribui para um maior contato com a área de interesse, facilitando posteriormente a escolha do tema e o desenvolvimento do trabalho. *Nancy* acrescenta ainda a importância de manter um contato próximo com o orientador desde o início, o que pode favorecer a orientação e o acompanhamento mais eficaz.

Raquel também aconselha que os estudantes busquem realizar mais trabalhos de pesquisa durante a graduação, o que possibilita o desenvolvimento de competências essenciais para o TCC. Ela sugere, inclusive, que os discentes procurem participar de componentes curriculares de pesquisa em outros cursos, ampliando assim seu repertório teórico e metodológico.

Isabel reforça a necessidade de aproveitar as oportunidades acadêmicas, como a produção de artigos e resumos expandidos nos componentes curriculares, que podem funcionar como etapas preparatórias para o TCC. Além disso, recomenda que o tema seja escolhido com base em uma identificação pessoal, o que favorece a motivação e o comprometimento com o projeto. Por fim, *Zelizer* destaca que a trajetória de cada estudante é única e pessoal, sendo importante respeitar os próprios limites e ritmos durante o processo de escrita.

Resumidamente, os conselhos compartilhados pelos estudantes direcionam para a ideia de que o bom andamento do TCC está fortemente vinculado ao planejamento antecipado, à busca por afinidades temáticas e orientativas, ao engajamento em atividades acadêmicas extracurriculares e ao desenvolvimento contínuo de habilidades de pesquisa e escrita ao longo da graduação.

Apesar das sugestões dos egressos acerca do planejamento prévio sobre o TCC, Santaella (2001) destaca que a indefinição inicial de um tema é um processo

normal, entretanto, o mais importante é que, ao longo dessa construção semestral, os estudantes dêem concretude às investigações/projetos.

5.4 Orientação

Na categoria “Orientação”, busca-se refletir sobre a relação dos estudantes de graduação com os docentes responsáveis pela condução do TCC, considerando aspectos como as dificuldades e o suporte no processo de desenvolvimento do trabalho. Deste modo, observa-se nesta categoria as questões 14, 15 e 18.

As respostas dos entrevistados sobre o suporte oferecido pelos orientadores ao longo do processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, de maneira geral, revelam avaliações positivas quanto ao acompanhamento recebido. Há dois casos que exigiram a troca de docente no decorrer do processo, como o de *Raquel e Zelizer*.

Raquel, no TCC 1, sentiu-se desamparada, relatando que não conseguiu se “encontrar” com o professor inicialmente escolhido, especialmente porque ele demonstrava pouca familiaridade com o formato do Projeto Experimental. Diante disso, optou por uma substituição na segunda parte do trabalho, escolhendo uma professora com maior conexão com a Mostra Audiovisual, o que resultou em um suporte mais alinhado às necessidades específicas do seu TCC. *Zelizer* também teve experiência semelhante, relatando que a mudança se deu porque o orientador anterior tinha maior experiência com monografias, formato que não correspondia ao seu TCC, que era um Projeto Experimental. Assim, compreendeu que a substituição foi necessária para garantir um suporte mais adequado às especificidades do trabalho.

De forma bastante satisfatória, *Sonia* relata que o orientador esteve sempre disponível, tendo inclusive disponibilizado o número pessoal para o esclarecimento de dúvidas a qualquer momento do dia. Além disso, destaca que foram realizadas diversas orientações. *Nilda* ressalta que o professor respeitou seu tempo e ofereceu o suporte necessário para que ela pudesse desenvolver o trabalho de maneira mais tranquila.

Manuel também expressa satisfação com a escolha de seu orientador, sublinhando que o apoio foi essencial não apenas em termos de acompanhamento,

mas também no fornecimento de novos referenciais conceituais importantes para a estrutura do trabalho, como a definição do conceito de “Corporalidade”.

Nancy avalia sua orientadora de forma extremamente positiva, afirmando que daria “nota máxima” ao suporte recebido. Relata que a professora esteve presente através de orientações semanais e disponibilidade via WhatsApp, além de ter indicado referenciais teóricos relevantes e orientado o alinhamento do trabalho. A entrevistada ainda destaca que, dada a ausência prévia de conteúdos relacionados ao tema na graduação, a atuação da orientadora foi comparada a uma aula sobre a metodologia empreendida.

Isabel reforça uma avaliação bastante favorável. Ressalta que a professora sempre foi solícita, sugerindo autores e realizando a revisão das produções. *Marialva* também avalia positivamente, enfatizando que já possuía uma relação prévia com o orientador, o que facilitou o processo. O fato de ambos conhecerem o método de trabalho um do outro favoreceu uma dinâmica de orientação mais fluida e positiva. *Jesús* é sucinto ao afirmar que o orientador “ajudou bastante”.

Por fim, *Muniz* apresenta uma avaliação mais dividida. Embora reconheça que a orientadora sempre esteve disponível para tirar dúvidas e ofereceu bastante autonomia, observa que, após conversar com outros colegas, percebeu que o suporte poderia ter sido mais intenso e direcionado.

De maneira geral, observa-se que o suporte do orientador é um elemento central na experiência dos estudantes com o TCC, sendo avaliado majoritariamente de forma positiva. As trocas de orientador, quando ocorreram, foram justificadas principalmente por uma busca por maior afinidade ou adequação ao formato específico do trabalho, como no caso dos Projetos Experimentais. A presença constante, a disponibilidade para sanar dúvidas, e a indicação de referenciais teóricos foram aspectos destacados como fundamentais para um bom suporte ao longo do processo.

Neste mote, entende-se que o mais importante, conforme Dias e Silva (2009), é que o orientador escolhido tenha competências na área de conhecimento definida pelo estudante de graduação. Em outras palavras, a definição planejada corretamente pode permitir que um trabalho tenha maior qualificação. Entretanto, a responsabilidade principal de fazer o TCC “andar” é do próprio discente. Ao professor que orienta compete guiar as atividades de pesquisa ou experimentação do orientando, estabelecer parâmetros e tempos de orientação da produção, avaliar

o desempenho e avaliar se o trabalho tem qualidade suficiente (Universidade Federal do Pampa, 2019).

Em seguida, os estudantes foram questionados sobre a necessidade de apoio adicional no decorrer do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. De modo geral, a maioria considera “suficiente” o suporte recebido, seja da orientação formal ou através de envio de fontes.

Como contraponto, encontram-se os casos de *Raquel* e *Zelizer*. *Raquel* buscou apoio adicional, recorrendo a uma docente à distância. Esse movimento indica uma busca para suprir eventuais lacunas não atendidas na orientação regular. *Zelizer* relata que, devido ao elevado número de orientandos que os professores aceitavam, percebia uma limitação no tempo e na disponibilidade destes para explicar elementos básicos do trabalho científico.

Em questões operacionais, *Sonia* e *Marialva* apresentaram alguns percalços. *Sonia* relata ter enfrentado uma dificuldade específica relacionada ao contato com o cliente do Projeto Experimental. *Marialva* indica que buscou apoio externo, mas não no âmbito acadêmico, e sim na área técnica. Precisou recorrer a um profissional de Tecnologia da Informação para lidar com as tecnologias necessárias à execução do Projeto Experimental

Nilda afirma não ter necessitado de apoio adicional, embora reconheça que, em alguns momentos, sentiu necessidade de compartilhar dúvidas com amigos e colegas. *Manuel* recorreu ao apoio de colegas para questões relacionadas à formatação do trabalho.

Nancy afirma que não precisou de apoio adicional, destacando inclusive que a própria orientadora materiais complementares e videoaulas. *Jesús* relata que conversou com outros professores para trocar experiências e dialogar sobre o tema do TCC, mas não motivado pela carência no suporte do orientador.

Na questão 18, traz-se o questionamento se a orientação recebida impactou positivamente na superação das dificuldades, desse modo, foi possível identificar percepções majoritariamente positivas. De maneira geral, foram identificados impactos mais recorrentes, como a minimização das inseguranças dos estudantes e o auxílio na condução metodológica dos trabalhos.

Sonia relata que a orientação foi fundamental para a estruturação da redação científica, colaborando para a construção de um texto mais claro e adequado às normas acadêmicas. Nesse caminho, *Raquel* menciona a importância do apoio

recebido dos dois orientadores: o primeiro contribuiu na condução do referencial teórico e na adequação técnica; a segunda auxiliou em todas as etapas e sanou dúvidas relacionadas às práticas científicas.

Outros entrevistados também reconhecem o papel do orientador como elemento chave no processo de aprendizagem. *Nilda* destaca que inicialmente se sentia completamente perdida, mas que, com o suporte recebido, foi possível reaprender a estrutura do trabalho científico, conseguindo assim, construir sua pesquisa de maneira adequada. *Zelizer* complementa essa percepção ao apontar que as orientações, além de oferecerem direcionamento técnico, também contribuíram para reduzir a ansiedade, proporcionando maior segurança durante a escrita.

Para alguns entrevistados, como no caso de *Manuel*, o apoio foi “completo”, com a ajuda na busca por referências bibliográficas e na indicação de autores relevantes. *Nancy* ressalta que o suporte contribuiu diretamente na compreensão e aplicação da análise de discurso, método principal da pesquisa.

Marialva, por sua vez, evidencia que o relacionamento prévio com o orientador, estabelecido por meio da participação em um projeto de iniciação científica, facilitou o contato e a dinâmica das orientações, tornando-as mais produtivas.

Isabel acrescenta que, sempre que tinha dúvidas, encontrava na orientação um espaço de acolhimento e motivação, saindo dos encontros mais segura e estimulada.

Jesús e *Muniz* destacam que o suporte foi relevante tanto na definição quanto na delimitação dos temas que iriam nortear as investigações, assim trazendo um bom andamento para os trabalhos.

Assim, o suporte do orientador foi determinante não apenas no aspecto técnico, como na organização estrutural e metodológica dos trabalhos, mas também no campo emocional, atuando como um fator de motivação e de redução das inseguranças. Tal análise evidencia o papel fundamental do professor para guiar devidamente as atividades de pesquisa e experimentação do orientando, provocando que o trabalho tenha qualidades suficientes (Universidade Federal do Pampa, 2019; Dias; Silva, 2009).

5.5 Influência de Grupos de Pesquisa

Nesta categoria, considerou-se como aspecto para a análise: a influência de grupos de pesquisa no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. De tal modo, foi observada a questão 16, que trata sobre a experiência individual dos discentes e se estes consideram que as atividades científicas durante a trajetória acadêmica contribuem ou poderiam contribuir na produção final.

Os relatos indicam que a participação prévia em atividades de pesquisa científica é reconhecida como um elemento que poderia ter facilitado e qualificado o desenvolvimento do TCC. Ainda que nem todos tenham participado efetivamente dessas atividades, a maioria reconhece os potenciais benefícios que a Pesquisa Científica oferece, especialmente no que diz respeito à organização, estruturação e segurança no processo de construção do trabalho.

Diversos estudantes, como *Sonia*, *Nilda* e *Zelizer*, expressam a percepção de que ter tido uma experiência mais sólida e sistemática em Pesquisa Científica teria facilitado aspectos como a escrita acadêmica, a compreensão da estrutura de um trabalho científico, as metodologias e o domínio de normas. *Nilda* enfatiza que mesmo o conhecimento básico sobre “como começar” e o que pode ou não ser escrito já seria um diferencial importante, destacando ainda que o orientador consegue perceber quando o estudante possui ou não essa base.

Zelizer amplia essa reflexão ao abordar não apenas a ausência da participação em grupos de pesquisa, mas também uma crítica institucional: a falta de oferta diversificada de grupos e linhas de pesquisa na área de Relações Públicas. Segundo sua visão, o restrito leque temático e a falta de abertura dos professores para acolher novos interesses limitam o envolvimento estudantil, o que torna o processo de construção do TCC mais moroso e instável.

Outros estudantes, como *Marialva* e *Jesús*, reforçam que a participação prévia em atividades de pesquisa foi ou teria sido fundamental para desenvolver competências relacionadas à escrita acadêmica, ao repertório teórico e à confiança metodológica. *Jesús* salienta que uma percepção prévia torna o processo menos complicado, pois experiências anteriores ajudam a chegar ao trabalho final mais bem preparado.

Manuel e *Isabel* reconhecem que, ainda que não tenham participado intensamente de projetos de pesquisa, outras práticas acadêmicas e curriculares

proporcionaram subsídios importantes. *Isabel*, por exemplo, menciona que as atividades realizadas nos componentes curriculares foram úteis para compreender aspectos técnicos, como a formatação em normas ABNT.

Nancy, entretanto, acredita que a participação prévia não teria feito tanta diferença, pois percebe que a “cobrança” e a intensidade do TCC são diferentes em relação às demais atividades acadêmicas. Ela reconhece que as práticas anteriores ajudaram na estruturação do trabalho. *Manuel* reflete que as práticas vivenciadas foram importantes, mesmo que não tenham se configurado como Pesquisa Científica, sugerindo que há outras formas de se preparar para o TCC.

Por fim, *Muniz* enfatiza que a falta de participação em projetos de pesquisa dificultou seu percurso, embora sua formação técnica anterior e o componente de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação tenham proporcionado alguma base metodológica. Ainda assim, reconhece que o envolvimento em projetos poderia ter ampliado a visão sobre o processo investigativo.

Em resumo, evidencia-se nessa categoria a importância das atividades de pesquisa científica como facilitadoras no desenvolvimento do TCC, seja pela compreensão estrutural e metodológica, seja pelo fortalecimento da escrita acadêmica. Ao mesmo tempo, revela-se a necessidade de ampliar a oferta e a diversidade dos projetos de pesquisa na instituição, assim como, incentivar a integração dos estudantes nesses espaços ao longo da formação.

Neste caminho, os estudantes ressaltam a importância de iniciar ou ser iniciados às tradições científicas, tal como pontua Ferreira Neto (2019). A Iniciação Científica, em algumas falas de entrevistados surge como uma possibilidade de melhorar a escrita, conhecer novos temas e áreas, tal qual obter uma maior capacidade intelectual e de compreensão da ciência (Fontes; Poletto, 2018). Em contrapartida, acrescenta-se aqui que não apenas os grupos de pesquisa concedem essa experiência aos estudantes de graduação, mas também atividades de extensão e ensino, essas que mostram a importância da indissociabilidade do tripé universitário.

5.6 Apanhado das Análises

A partir das cinco categorias de análise das Entrevistas em Profundidade, foi possível investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de

Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do Trabalho de Conclusão de Curso. Neste item, ressaltam-se os principais achados a partir da fala dos entrevistados, além disso, faz-se o levantamento de sugestões para possíveis melhorias para os semestres seguintes e PPCs futuros.

Desta maneira, ao longo da categoria “5.1 - História e Experiência com a Pesquisa”, nota-se que o contato inicial dos entrevistados se deu por meio do componente curricular obrigatório de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. Entretanto, a maioria dos respondentes considerou esse primeiro contato superficial e pouco aproximado do TCC. Neste sentido, entendem que seria necessário uma disciplina ofertada em período próximo ao trabalho final. Além disso, sugere-se que a Pesquisa Científica seja tratada pelos docentes em sala de aula com mais frequência.

Os egressos reforçam ainda a importância de ter mais atividades que coloquem em prática os conhecimentos teóricos dos componentes de Pesquisa. Outro fator levantado está relacionado com a oferta de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação durante o ensino remoto, segundo eles, tal período prejudicou também na assimilação do conteúdo.

No que diz respeito à participação em atividades extracurriculares, percebe-se que a participação dos entrevistados em projetos de pesquisa foi baixa, principalmente, devido à incompatibilidade com o trabalho, a falta de informação e a insegurança com a pesquisa científica, por vezes, achando que essa fosse destinada apenas a quem tem interesse em seguir na carreira acadêmica. Por outro lado, a participação em projetos e eventos de extensão foi mais acentuada, por serem ações mais práticas.

Com relação às publicações de trabalhos em eventos científicos, os entrevistados que enviaram trabalhos, na maioria dos casos, fizeram pelo vínculo com bolsas obrigatórias, projetos acadêmicos e atividades desenvolvidas em componentes curriculares. Por outro lado, a confiança na qualidade do texto e o tempo disponível surgiram como obstáculos para alguns discentes. Os discentes que enviaram trabalhos ressaltam a importância do apoio docente para tornar positiva a experiência de submissão – seja no incentivo durante o desenvolvimento da atividade ou no acompanhamento do envio.

Em seguida, por mais que os respondentes avaliem lacunas na formação, com a má distribuição dos componentes, eles entendem, em maioria, que a

pesquisa é relevante para o desenvolvimento de competências como escrita, pensamento crítico e domínio teórico-metodológico. Com relação à oferta, entendem que os projetos são escassos, com baixa divulgação e com horários difíceis de conciliar, principalmente para aqueles que trabalham. Entretanto, alguns entrevistados ressaltam que o interesse pelas atividades extracurriculares também precisa partir da motivação individual dos estudantes com a temática dos projetos.

Na categoria 5.2, percebe-se que a escolha do formato do TCC está intimamente ligada ao perfil pessoal dos estudantes de graduação, os interesses pessoais e percepções sobre as exigências de cada modalidade. No Projeto Experimental, nota-se, de forma mais acentuada, a preferência por quem tem maior identificação com a prática profissional das Relações Públicas. Na Monografia, a escolha se deu pela preferência em abordagens teóricas e também por impressões pré-estabelecidas sobre o formato.

Com relação à escolha do tema do TCC, as motivações principais estavam relacionadas às experiências acadêmicas anteriores, interesses pessoais dos estudantes e vivências profissionais. Por fim, os entrevistados percebem que o curso de Relações Públicas oferece um repertório diverso de temáticas, práticas e metodologias para que os estudantes trabalhem durante o trabalho final, seja no Projeto Experimental ou na Monografia.

Ao decorrer da categoria 5.3, apanha-se que as principais dificuldades dos estudantes em período de TCC estiveram relacionadas à escolha e delimitação do tema, a falta de familiaridade com a metodologia científica, problemas práticos relacionados ao Projeto Experimental e dificuldades na formação envolvendo etapas anteriores ao trabalho final, tais como: prejuízos relacionados ao ensino remoto no início da graduação e disciplinas metodológicas pouco compreensíveis.

No que tange à construção, os entrevistados que optaram pelo formato monográfico ressaltam desafios relacionados à escrita acadêmica, normas técnicas, falta de referencial sobre o assunto e as metodologias. Por outro lado, aqueles que se envolveram com o Projeto Experimental tiveram dificuldades relacionadas às metodologias, escrita e a articulação entre teoria e prática.

Para aconselhar os futuros estudantes no processo de escrita do TCC, os entrevistados pontuam principalmente o planejamento antecipado, em outras palavras, que a escolha do tema e do orientador sejam pensadas com antecedência. Além disso, foi sugerido que os discentes se envolvam mais em

atividades extracurriculares, tais como: grupos de pesquisa, eventos e outras ações. No caminho da escolha da temática, é aconselhado que os futuros “escritores” optem por temáticas e orientadores que tenham afinidade.

Na categoria 5.4, observa-se que os entrevistados, em maioria, tiveram uma experiência positiva com relação aos orientadores escolhidos para o desenvolvimento do TCC. Apenas em dois casos, relatou-se a necessidade da troca do professor, visto a pouca familiaridade deste com o formato de Projeto Experimental (*Raquel* e *Zelizer*). Os respondentes avaliam positivamente o suporte do orientador na trajetória do trabalho final.

Neste percurso, os participantes percebem o orientador como elemento-chave para guiar o trabalho de conclusão ao êxito. Dentre os relatos, percebe-se que a figura do docente gera sentimentos de acolhimento, motivação e segurança para desenvolver o TCC. Entendem ainda que o suporte se deu, principalmente, na adequação do trabalho às normas ABNT, na recomendação de referenciais teóricos pertinentes e na explicação de dúvidas relacionadas ao formato do trabalho científico.

Por outro lado, os entrevistados que desenvolveram o TCC no formato de Projeto Experimental ressaltaram dificuldades relacionadas à orientação, ou então, necessitaram apoio externo, tal como foi o caso de *Marialva*, *Sonia*, *Raquel* e *Zelizer*. Dentre os fatores da busca, estiveram: falta de retorno da instituição envolvida, desconhecimento de recurso tecnológico para execução do projeto, pouca experiência do orientador com o formato trabalhado e a indisponibilidade do professor em função da quantidade de orientandos.

Por fim, a categoria 5.5, evidencia que a pesquisa científica é reconhecida como uma ferramenta de apoio essencial ao TCC, tanto em termos técnicos quanto na construção da confiança e autonomia do estudante. Ao mesmo tempo, os relatos apontam para desafios institucionais, como a necessidade de ampliar a oferta e diversidade de projetos e de estimular a participação discente nesses espaços desde os semestres iniciais da graduação.

6 PONTO DE CHEGADA: considerações finais

Nesta investigação, buscou-se, de forma geral, compreender de que modo as práticas de Pesquisa Científica em Comunicação ofertadas durante a graduação impactam no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA.

O primeiro capítulo desta monografia realizou uma caminhada contextualizadora do tema de pesquisa e o recorte pretendido. De tal modo, ressaltou-se que os processos de ensino e aprendizagem da Pesquisa Científica na graduação enfrentam diferentes desafios, principalmente no campo da Comunicação. Neste sentido, se pressupõe que as dificuldades, por vezes, estão relacionadas à falta de familiaridade com os métodos e técnicas científicas, a delimitação do assunto, a estruturação dos projetos e a escrita científica.

Diante do contexto inicial, desenhou-se a pergunta que guiou a investigação: **“De que modo as práticas de Pesquisa Científica em Comunicação ofertadas durante a graduação contribuem no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA?”**.

A partir disso, divide-se a pesquisa em objetivos específicos: (1) Apresentar um panorama sobre a Iniciação e a Pesquisa Científica na graduação como elementos fundamentais para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso; (2) Mapear quais iniciativas, projetos e componentes curriculares vinculados à Pesquisa em Comunicação são ofertados no Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA; e (3) Investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do Trabalho de Conclusão de Curso através de entrevistas em profundidade.

Este trabalho contribui sob quatro aspectos diferentes. À Ordem Científica-Teórica (Santaella, 2001), se justifica e ganha espaço diante da escassez de trabalhos que discutam sobre as práticas de Pesquisa Científica e as dificuldades encontradas pelos estudantes de graduação durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. No contexto local, surge como oportunidade de debater e refletir sobre a produção de pesquisa no campo da Comunicação, diante da inexistência de trabalhos similares nos cursos de Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Jornalismo da UNIPAMPA.

Com relação à Ordem Científica-Prática (Santaella, 2001), o trabalho contribui, a partir das Entrevistas em Profundidade, para refletir sobre as práticas de Pesquisa e Iniciação Científica existentes no Curso de Relações Públicas da UNIPAMPA. A Monografia possibilita ainda o debate sobre a percepção dos discentes, servindo de respaldo para que os docentes repensem sobre os componentes curriculares ofertados com ênfase na área de Pesquisa, assim como o modo de oferta das práticas extracurriculares (projetos de pesquisa, extensão e ensino, etc).

Para a Ordem Social (Santaella, 2001), o trabalho mostra-se relevante ao apresentar resultados que podem gerar identificação, tanto em atuais quanto em futuros graduandos, com as dificuldades enfrentadas na produção de investigações científicas. Em outras palavras, evidencia que encontrar obstáculos durante o desenvolvimento do TCC é uma vivência comum entre os estudantes.

Como quarto aspecto, a Ordem Pessoal (Bonin, 2011), o trabalho tem envolvimento com questões pessoais do autor deste trabalho. Desde os momentos iniciais, a partir de componentes voltados ao âmbito Academia/Pesquisa, foram despertadas curiosidades e questionamentos sobre as práticas investigativas no campo da Comunicação. Além disso, como futuro docente, a investigação parte de uma preocupação com a forma com que os discentes estão aprendendo e sendo preparados para a pesquisa científica, o mercado de trabalho e vice-versa.

Já no capítulo 2, foram apresentados o objeto desta investigação e os procedimentos metodológicos da pesquisa. Como passos metodológicos, utilizou-se: (1) Pesquisa Bibliográfica (Stumpf, 2005), que revisou as literaturas existentes sobre o assunto, assim como, deu embasamento teórico para as discussões; (2) Análise Documental (Moreira, 2005), com o propósito de mapear as iniciativas e lacunas na formação acadêmica que impactam de forma positiva, negativa ou indiferente no desenvolvimento de pesquisas científicas em Relações Públicas; (3) Entrevista em Profundidade (Duarte, 2005), que intencionou mapear as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso através de discentes do semestre 2024/2 – atualmente egressos –, que estavam no processo de desenvolvimento de monografia ou projeto experimental.

Esta terceira etapa metodológica foi realizada no mês de dezembro de 2024 e foi dividida em cinco categorias de análise, sendo elas: (1) Histórico e Experiência

com a pesquisa; (2) Escolha do formato e tema do TCC; (3) Dificuldades no desenvolvimento do TCC; (4) Orientação; (5) Influência de grupos de pesquisa. No total, foram elaboradas 21 questões e as entrevistas foram executadas por meio da plataforma de videoconferência Google Meet.

O terceiro capítulo desta monografia foi dividido em dois movimentos metodológicos, sob os itens 3.1 e 3.2 foi possível refletir sobre as possibilidades de caminhos relacionados às práticas de Pesquisa em Comunicação. Inicialmente, focou-se na revisão das definições e características sobre a Pesquisa Científica com delimitação para a graduação. Dentro deste espaço ainda, empreendeu-se reflexões acerca da Iniciação Científica. Em seguida, a investigação revisou historicamente o campo acadêmico-científico da Comunicação no Brasil. Em seguida, no item 3.3, observou-se as iniciativas de Pesquisa Científica existentes no curso de Relações Públicas, a partir de materiais como o PPC 2019 e 2023 da graduação, e também, o Portal da Gestão Unificada de Recursos Institucionais (GURI), no Sistema de Projetos Acadêmicos (SAP).

Com relação aos dados da análise documental, o item 3.3.1 revela os componentes curriculares que possuem mais ênfase na Pesquisa Científica. No PPC do ano de 2019, foram mapeadas três disciplinas, no total, sendo elas: (1) Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação; (2) Teoria da Comunicação; e (3) Pesquisa Aplicada em Relações Públicas. Os resultados são importantes para entender quais iniciativas preparam os discentes em sala de aula para o momento de desenvolvimento do TCC.

Para além, a Análise Documental, no item 3.3.1, contemplou também o PPC 2023, este que não impacta diretamente os egressos do semestre 2024/2, mas que serve de parâmetro para entender o que foi adaptado no currículo atual que possivelmente impactará positivamente a experiência relacionada à Pesquisa Científica. Neste sentido, foi incluído o componente curricular de Introdução à Pesquisa Científica no segundo semestre, enquanto Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação foi realocado para o sexto semestre, criando maior proximidade ao período do TCC.

Por fim, no item 3.3.2, fez-se o mapeamento das iniciativas e práticas de incentivo à pesquisa que são oferecidas por docentes do Curso de Relações Públicas. A busca foi realizada no portal do aluno GURI, através do SAP, resultando em seis projetos de pesquisa de seis docentes diferentes. As propostas de projetos

apresentam temáticas e abordagens distintas, reafirmando o caráter da interdisciplinaridade presente no Campo da Comunicação (Martino, 2011).

No quarto capítulo, fez-se a revisão teórica sobre a diversidade de formatos existentes para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Neste caminho, encontraram-se duas modalidades no Curso de Relações Públicas, sendo elas: (1) Monografia; (2) Projeto Experimental. A partir deste espaço capitular, encontrou-se bibliografias que forneceram uma reflexão importante: por muitas vezes, o TCC representa o primeiro contato de estudantes com a Pesquisa Científica (Del Carratore, 2009), deste modo, chegam “crus” no momento final, sem ao menos conhecer a estrutura de um projeto, as normas ABNT e a escrita da redação científica. Nos itens 4.1.1 e 4.1.2, faz-se uma revisão do papel do orientador no trabalho final e a escolha do tema da pesquisa.

Já no capítulo 5, foram apresentados os resultados das análises das entrevistas, deste modo, retoma-se aqui que a decupagem foi distribuída em cinco categorias analíticas, sendo elas: (1) Histórico e Experiência com a pesquisa; (2) Escolha do formato e tema do TCC; (3) Dificuldades no desenvolvimento do TCC; (4) Orientação; (5) Influência de grupos de pesquisa.

A análise das entrevistas em profundidade com egressos do curso de Relações Públicas da UNIPAMPA revelou as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A partir de cinco categorias, identificaram-se não apenas os desafios recorrentes, mas também sugestões dos próprios participantes para melhorias nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) e nos semestres futuros.

Na categoria “História e Experiência com a Pesquisa”, observou-se que o primeiro contato dos estudantes com a pesquisa científica ocorreu majoritariamente na disciplina obrigatória de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, mas foi considerado superficial. Houve sugestões de que essa disciplina seja oferecida mais próxima ao momento do TCC e que a pesquisa científica seja tratada com mais frequência em sala de aula. Os entrevistados também apontaram prejuízos na aprendizagem durante o ensino remoto.

Com relação às atividades extracurriculares, constatou-se baixa participação em projetos de pesquisa, causada principalmente pela incompatibilidade com o trabalho, falta de informação e insegurança quanto à pesquisa científica. Já a participação em projetos de extensão foi mais comum, por serem mais práticos. No

caso das publicações, as submissões se deram pelo vínculo a bolsas, ou então, inspiradas por componentes curriculares – este surgindo como um ponto positivo observado. Por outro lado, nota-se como obstáculos a falta de tempo e confiança também foram destacados.

Apesar das críticas à distribuição dos componentes curriculares, os egressos reconhecem a importância da pesquisa científica no desenvolvimento de competências como escrita, pensamento crítico e domínio teórico-metodológico. Apontam ainda para a escassez de projetos e a dificuldade de acesso às oportunidades, mas reforçam que a motivação dos próprios estudantes é um fator determinante para o envolvimento em tais atividades.

A escolha do formato do TCC mostrou-se fortemente ligada ao perfil pessoal dos estudantes. O Projeto Experimental foi mais escolhido por quem se identificava com a prática profissional, enquanto a Monografia atraiu estudantes com maior afinidade com teorias e textos acadêmicos. A escolha do tema foi guiada por experiências anteriores, interesses pessoais e vivências no campo profissional, e os entrevistados ressaltaram que o curso oferece diversidade de temas e metodologias.

Na fase de desenvolvimento do TCC, as maiores dificuldades relatadas envolvem a delimitação do tema, a compreensão da metodologia científica e questões práticas no caso dos Projetos Experimentais. Os estudantes destacaram ainda problemas de escrita, normas técnicas e articulação entre teoria e prática. Como conselho, sugerem iniciar o planejamento com antecedência e escolher temas e orientadores com os quais haja afinidade, além de se engajarem em atividades extracurriculares.

Quanto à orientação, a maioria teve experiências positivas, reconhecendo o papel do orientador como fundamental para o sucesso do TCC. Relatos destacam o apoio emocional, técnico e metodológico por parte dos docentes. No entanto, alguns estudantes enfrentaram dificuldades com a orientação, especialmente nos Projetos Experimentais, por conta da inexperiência dos professores com esse formato ou da falta de disponibilidade. Por fim, os entrevistados reconhecem a pesquisa científica como essencial para a construção da autonomia e confiança dos estudantes, ressaltando a necessidade de ampliar a oferta e divulgação de projetos desde os semestres iniciais.

Em linhas gerais, o estudo permitiu investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes, de modo a lançar considerações pertinentes à coordenação do Curso de Relações Públicas para que, assim, os docentes possam repensar as práticas de pesquisa científica em sala de aula e em espaços extracurriculares.

Ademais, há considerações adicionais a serem sinalizadas neste espaço, intituladas assim, como **“Recomendações ao corpo docente do Curso de Relações Públicas para melhorias”**. Por parte dos egressos, fizeram-se as seguintes sugestões: (1) Maior divulgação das atividades extracurriculares dentro do espaço de sala de aula; (2) Maior aplicação prática dos conhecimentos teóricos sobre metodologia científica; (3) Abertura de espaços para que os discentes apresentem temáticas de interesse para possíveis atividades de investigação; (4) Cuidado com a quantidade de orientandos aceitos durante o semestre; (5) Proposição de oficinas voltadas à questões científicas, como normas da ABNT, escrita científica e afins; (6) Proposição de alternativas de pesquisas viáveis aos estudantes que conciliam a universidade com a jornada de trabalho.

Um contraponto às sugestões dos entrevistados é: a Pesquisa está integrada ao curso desde os primeiros componentes, o que falta, nesse sentido, é que o docente, por meio das exposições em sala de aula, faça o discente compreender e reconhecer isso. Além disso, qualquer conteúdo expositivo em disciplinas é passível de se tornar uma investigação científica, seja um resumo simples, expandido, artigo científico e até mesmo uma monografia.

De maneira conclusiva, o estudo percebe uma tendência: o papel fundamental do docente na trajetória acadêmica, seja no ensino dos componentes curriculares, na divulgação de iniciativas extracurriculares, no processo de submissão de um trabalho ou no acompanhamento do TCC. Além disso, as discussões levantadas nas Entrevistas em Profundidade permitiram perceber como os estudantes de graduação se sentem com relação às práticas acadêmicas e o desenvolvimento final, um respaldo que dificilmente chega ao Núcleo Docente através das pesquisas realizadas durante o semestre.

A monografia mobiliza ainda – e pretende provocar aos docentes – o exercício de pensar e repensar as práticas de ensino em sala de aula no que diz respeito à Pesquisa Científica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Para entender relações públicas**. São Paulo: Loyola, 1993.

ARAÚJO, Rodolfo Santiago de; FERNANDES, Tatiana Falcão de Souza; MEDEIROS, Jamilson Pinto de; CUNHA Jéssica Karolline Pereira da Cunha. Facilidades e Dificuldades Observadas na Elaboração do TCC: Um estudo sob a ótica dos discentes do curso de Ciências Contábeis da UFRN. **XVIII Congresso Nacional de Administração e Contabilidade**, Rio de Janeiro, 2016.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 32-50.

BONIN, J. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, A. E. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **Como elaborar uma Dissertação de Mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: 7letras, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=3haJdQ9KRLEC&oi=fnd&pg=PA21&dq=pesquisa+cientifica&ots=ZA_8mPBiBx&sig=EVlcbQkRAoBK-Yp5qmEFVveVJaQ#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 30 maio. 2024.

DEL CARRATORE, Luís Roberto Rossi. Pesquisa científica em comunicação: uma abordagem conceitual sobre os métodos qualitativo e quantitativo. **Comunicação e Inovação**. São Caetano do Sul, v. 10, n. 19, p. 29-35, jul./dez. 2009. Disponível em: https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/899. Acesso em: 08 jul. 2024.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Marisa Aparecida Pereira. **Ética em Pesquisa Científica: conceitos e finalidades**. São Paulo: Unesp, 2024. Disponível em: https://egov.santos.sp.gov.br/salavirtual/pluginfile.php/13775/mod_resource/content/1/unesp-nead_reei1_ei_d04_texto2.pdf. Acesso em: 13 jun. 2025.

DIAS, Donald de Souza; SILVA, Mônica Ferreira da. **Como escrever uma monografia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 72 p. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/9889>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-82.

FERREIRA NETO, Macário Neri Ferreira. A Pesquisa Científica na formação dos discentes da área de negócios. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**. Cuiabá/MT, v. 3, n. 2, maio-ago. 2019. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/repad/article/view/8571/6207>.

Acesso em: 28 set. 2024.

FONTES, Lívio Adriano Xavier; POLETO, Simone Sicora. A importância da pesquisa científica no processo de formação superior. **Revista da FAESF**. Florianópolis/PI, v. 2, n. 2, p. 85-93, abr./jun. 2018. Disponível em:

<https://www.faesfpi.com.br/revista/index.php/faesf/article/view/48/46>. Acesso em: 04 set. 2024.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. **Ciência da Informação**. Brasília/DF, v. 33, n. 3, p. 26-34, 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/ZmhGpGCb8DnzGYmRBfGWNly/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 26 maio. 2025.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C (Org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 11ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011, p. 39-60.

FRANÇA, Fábio. **Públicos: como identificá-los em uma nova visão estratégica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à Pesquisa: Projetos e relatórios**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004, 295 p. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XHnajiTNILIC&oi=fnd&pg=PA21&dq=introdução+a+pesquisa+academica&ots=kmQ8Wg1Z5A&sig=z3fAY8m-IAiHH Cf6laR6BbbD3fw#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21 maio. 2024.

JANKEVICIUS, José Vitor. A pesquisa científica e as funções da Universidade.

Semina: Ci. Biol./ Saúde. Londrina, v. 16, n. 2, p. 328-330, jun. 1995. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/7056/6254>.

Acesso em: 04 set. 2024.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; GOBBI, María Cristina. O campo acadêmico-científico da Comunicação no Brasil: panorama, constituição e perspectivas. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"**. Imperatriz/MA, v. 9, n. 2, 2016. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/5115/511552709005/html/>. Acesso em: 11 out. 2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5944239/mod_resource/content/1/Pesquisa%20em%20Comunicação%20by%20Maria%20Immacolata%20Vassallo%20de%20Lopes%20%28z-lib.org%29.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da**

Comunicação. São Paulo/SP, v. 27, n. 1, 2004. Disponível em:
<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1056/957>.
Acesso em: 08 set. 2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; ROMANCINI, Richard. História dos estudos em Comunicação no Brasil: a institucionalização de um campo interdisciplinar. *In*: COUTINHO, Iluska; PEREIRA, Ariane. **Intercom 40 anos: comunicação, memórias e historicidades.** São Paulo/SP: Intercom, 2018, p. 117-143. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/ebook-intercom-40-anos270818.pdf>. Acesso em: 11 out. 2024.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy [et al.]. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos.** 2ª ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2011, p. 277-303.

MARQUES DE MELO, José. Metodologia da Pesquisa em Comunicação: Itinerário Brasileiro. *In*: DUARTE, Jorge; Barros Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005, p. 1-14.

MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C (Org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências.** 11ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011, p. 27-38.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e técnica. *In*: DUARTE, Jorge; Barros Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005, p. 269-279.

PEIXOTO, Emanuele Priscila de Almeida. *et al.* A Contribuição da Iniciação Científica na Elaboração do TCC no Curso de Ciências Contábeis sob a Ótica do Corpo Discente: uma Pesquisa nas IES Públicas do Estado da Paraíba. **XI Congresso USP - Iniciação Científica em Contabilidade,** São Paulo, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SEIBT, Taís. *et al.* Metodologia no TCC: Antes, durante e depois. *In*: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em Comunicação.** Florianópolis/SC: 2013, p. 223-235.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas: Função Política.** 7 ed. São Paulo: Summus, 1995.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media.** 2ª ed. Porto, 2006. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4848446/mod_resource/content/2/Jorge%20Pedro%20Souza.pdf. Acesso em: 09 out. 2024.

STUMPF, Ida Regina, C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61.

TOSTA, Kelly Cristina Benetti Tonani. **Pesquisa Mercadológica**. 3ª ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2015. Disponível em:
http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_6/Pesquisa_Mercadolologica/material_didatico/pesquisa_mercadolologica-3ed-miolo-grafica-alterado%20-%20ok.pdf.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, **PPC São Borja - Relações Públicas**, Unipampa - Campus São Borja, 172 p., 2019. Disponível em:
https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/136/6/PPC_Relacoes%20P%C3%BAblicas_S%C3%A3o%20Borja.pdf. Acesso em: 04 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, **PPC São Borja - Relações Públicas**, Unipampa - Campus São Borja, 303 p., 2023. Disponível em:
<https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/136/8/PPC%20Relacoes%20Publicas.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024.

VIEIRA, Rhaiza Ludimila Gomes; MOURA, Jonáta Ferreira de. Os desafios da escrita do trabalho de conclusão de curso de pedagogia em uma universidade maranhense. **Horizontes**, Itatiba/SP, v. 39, n. 1, 2021. Disponível em:
<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1146>. Acesso em: 11 out. 2024.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. A relevância da iniciação à pesquisa científica na universidade. **Pro-Posições**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 5-18, 1995.

APÊNDICE A – Questões das entrevistas

| Seção de perguntas | Questões |
|--------------------|--|
| 1 | <p>Pergunta 1 – Antes do TCC, você já havia tido contato com a pesquisa científica durante o curso? Se sim, em quais disciplinas? E de que forma?</p> <p>Pergunta 2 – Você já participou de algum grupo de pesquisa? Se sim, podes contar um pouco sobre essa experiência? Por que se envolveu nesse projeto? Se não, por que não se envolveu?</p> <p>Pergunta 3 – Você já participou de algum projeto de extensão? Se sim, podes contar um pouco sobre essa experiência? Por que se envolveu nesse projeto? Se não, por que não se envolveu?</p> <p>Pergunta 4 – Você já publicou algum resumo/artigo durante a graduação? Se sim, podes contar um pouco sobre essa experiência? Por qual motivo publicou? Por qual motivo submeteu sobre essa temática? Se não, por que não se envolveu?</p> |
| 2 | <p>Pergunta 5 – Como você avalia a importância das práticas de pesquisa científica durante o curso para a sua formação?</p> <p>Pergunta 6 – Como você avalia as práticas de pesquisa científica ofertadas de forma extraclasse?</p> <p>Pergunta 7 – Como você avalia o incentivo à pesquisa científica dentro de sala de aula?</p> <p>Pergunta 8 – Como você avalia o incentivo à pesquisa científica de forma extraclasse?</p> |
| 3 | <p>Pergunta 9 – Qual formato você escolheu para o TCC? Por que optou por esse formato?</p> <p>Pergunta 10 – Qual tema você escolheu para o TCC? O que te motivou a escolher o tema do seu TCC? Você já havia trabalhado com essa temática anteriormente?</p> <p>Pergunta 11 – Você sentiu que o curso proporcionou um leque diversificado de temáticas e abordagens possíveis para o desenvolvimento do TCC? Por quê?</p> |
| 4 | <p>Pergunta 12 – Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou no início do processo de desenvolvimento do TCC? (como escolha do tema, elaboração do projeto, etc)</p> <p>Pergunta 13A – Se você está desenvolvendo uma Monografia, quais foram os principais desafios encontrados na construção? Ex: Redação acadêmica, revisão bibliográfica, etc</p> <p>Pergunta 13B – Se você está desenvolvendo um Projeto Experimental, quais dificuldades encontrou? Ex: planejamento, execução das atividades, etc.</p> |

| | |
|---|---|
| | <p>Pergunta 14 – Como você avalia o suporte oferecido pelo seu orientador ao longo do processo?</p> <p>Pergunta 15 – Houve momentos que sentiu necessidade de apoio adicional? Se sim, em quais aspectos? Sente que conseguiu resolver?</p> |
| 5 | <p>Pergunta 16 – Com base na sua experiência, você acredita que ter participado de atividades de pesquisa científica anteriormente contribuiu para facilitar o desenvolvimento do seu TCC? Por quê?</p> <p>Pergunta 17 – O que você mudaria no formato do curso ou nas disciplinas de pesquisa para que o desenvolvimento do TCC fosse mais tranquilo para os estudantes?</p> <p>Pergunta 18 – Como a orientação recebida influenciou na compreensão e superação das dificuldades durante o desenvolvimento do seu trabalho?</p> <p>Pergunta 19 – Para os futuros alunos que irão desenvolver o trabalho de conclusão de curso, qual conselho você daria para ajudar a superar os desafios encontrados?</p> |
| 6 | <p>Pergunta 20 – Antes de iniciar o TCC, quais eram suas expectativas em relação ao desenvolvimento do trabalho? Elas mudaram ao longo do processo?</p> <p>Pergunta 21 – Você se sente satisfeito com o andamento do seu TCC até o momento? O que tem sido mais desafiador?</p> |

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

APÊNDICE B – Seções das entrevistas e objetivos

| Seção | Nome | Questões | Objetivo |
|--------------|--|-----------------|---|
| 1 | Histórico do aluno com a pesquisa científica | 4 | Compreender o envolvimento anterior com a pesquisa científica |
| 2 | ‘Sou capaz de opinar’: perspectivas sobre as práticas de pesquisa | 4 | Obter percepções dos discentes sobre as práticas de pesquisa |
| 3 | ‘Eu escolho você!’: escolha do formato e tema do TCC | 3 | Entender as motivações dos discentes na escolha do formato do TCC |
| 4 | Processo de desenvolvimento do TCC | 4 | Compreender as principais dificuldades durante o processo de desenvolvimento |
| 5 | Reflexão sobre processo e desenvolvimento | 4 | Refletir sobre o impacto das práticas de pesquisa no desenvolvimento do TCC |
| Extra | Expectativas e satisfação | 2 | Identificar expectativas dos discentes sobre a pesquisa |
| Total | 6 seções | 21 | Investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Relações Públicas da UNIPAMPA ao longo do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso |

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE C – Descrição dos entrevistados

| Entrevistado | Características |
|--------------|--|
| Sonia | <p>Gênero: Feminino</p> <p>Semestre de conclusão: em andamento.</p> <p>Formato do TCC: Projeto Experimental.</p> <p>Título do TCC: em ajuste.</p> |
| Raquel | <p>Gênero: Feminino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Projeto Experimental.</p> <p>Título do TCC: Eventos como estratégia de relacionamento com o público: mudanças climáticas e conscientização da comunidade escolar.</p> |
| Nilda | <p>Gênero: Feminino</p> <p>Semestre de conclusão: em andamento.</p> <p>Formato do TCC: Monografia.</p> <p>Título do TCC: em ajuste.</p> |
| Zelizer | <p>Gênero: Feminino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Projeto Experimental.</p> <p>Título do TCC: K-diversão cultural: a promoção de oficinas culturais na escola como prática de Relações Públicas e a produção cultural.</p> |
| Manuel | <p>Gênero: Masculino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Monografia.</p> <p>Título do TCC: A corporalidade drag de Rupaul na construção de um treinamento midiático.</p> |
| Nancy | <p>Gênero: Feminino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Projeto Experimental.</p> <p>Título do TCC: Barbie além da caixa: análise sobre a apropriação de imagem.</p> |

| | |
|-----------------|--|
| <p>Marialva</p> | <p>Gênero: Feminino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Projeto Experimental.</p> <p>Título do TCC: Estratégias de relacionamento a partir do uso de inteligência artificial em pequenas empresas de saúde.</p> |
| <p>Jesús</p> | <p>Gênero: Masculino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Monografia.</p> <p>Título do TCC: Um escândalo (não tão) íntimo: estratégias de relações públicas na construção do storytelling midiático e imagem da cantora Luísa Sonza.</p> |
| <p>Isabel</p> | <p>Gênero: Feminino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Monografia.</p> <p>Título do TCC: A ética na comunicação digital: reflexões e contribuições do profissional de relações públicas sobre o limite ético do direito de imagem.</p> |
| <p>Muniz</p> | <p>Gênero: Masculino</p> <p>Semestre de conclusão: 2024/2</p> <p>Formato do TCC: Projeto Experimental.</p> <p>Título do TCC: Projeto experimental em relações públicas: da compreensão do relacionamento digital à construção de uma nova estratégia para as redes sociais do SENAC.</p> |